



ISBN 978-88-7364-814-7

© 2022, NUOVA EDITRICE BERTI

Imagem da capa © Franco Corradini 2020

É proibida qualquer reprodução não autorizada da obra ou de partes dela. A editora se coloca à disposição de eventuais titulares de direitos que não tenham sido contatados, bem como em caso de omissões ou erros de atribuição.

Sr. Giuliana Maria Bosini

VOCÊ ESTÁ VIVA. SIGA EM FRENTE

E nas alturas me faz caminhar

*A experiência da doença e do tratamento na
unidade de terapia intensiva
do hospital Guglielmo da Saliceto, em Piacenza, e
do hospital de Castel San Giovanni*

Editora Nuova Berti



Dedicado
à Santíssima Virgem Maria de Fátima, ao
Beato João Batista Scalabrini
à minha mãe Angela



ÍNDICE

Prefácio	9
1. A Peregrinação a Fátima, de 9 a 13 de março de 2020	11
2. A viagem de Ludwigsburg a Piacenza Situação crítica da família, 25 de março de 2020	21
3. Minha internação no hospital, 9 de abril de 2020	33
4. Testemunhos de oração	43
5. Conclusões	125
6. Apêndice	
Novena ao Beato G.B. Scalabrini	139
Notas biográficas sobre o Beato G.B. Scalabrini	143
A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas hoje	149



Prefácio

Atingida por uma forma gravíssima de Covid, intubada, à beira da morte devido à doença e mantida por muito tempo pelos médicos em coma farmacológico, a Irmã Giuliana M. Bosini começa, inesperadamente, a melhorar. Ao despertar do coma, ela é informada da adesão em massa de centenas de pessoas às iniciativas de oração dirigidas à Nossa Senhora e ao Beato João Batista Scalabrini por sua salvação. Imensamente grata pelo dom de uma nova vida, ela promete contar sua experiência e reúne vários depoimentos de médicos, parentes, amigos e comunidades de todo o mundo, na esperança de que sua cura milagrosa, obtida pela força da oração, possa alcançar a graça da canonização do Beato G.B. Scalabrini.⁽¹⁾

⁽¹⁾ Ao receber a notícia tão esperada da próxima canonização do Beato João Batista Scalabrini, a Irmã Giuliana decide, mesmo assim, concluir a coleta de testemunhos sobre a mobilização de orações realizada em todo o mundo por sua salvação. Dessa forma, ela pretende chamar a atenção para o imenso poder da oração e, acima de tudo, honrar a promessa feita à Nossa Senhora, agradecendo-Lhe por ter ouvido as súplicas com *solicitude maternal*.



- 1 -

A peregrinação a Fátima
9 a 13 de março de 2020



A peregrinação a Fátima, de 9 a 13 de março de 2020, havia sido programada pela Comunidade Católica Italiana Bea-

Giovanni Battista Scalabrini de Ludwigsburg já em julho de 2019. Era nosso grande desejo poder estar ao lado de Maria próximo à Festa da Mulher para reafirmar na fé, com gestos concretos, que Ela é *A Mulher* por excelência.

Em meio à pandemia do coronavírus, a viagem a Fátima foi um gesto de fé e esperança verdadeiramente grandioso. Os participantes nos perguntaram várias vezes sobre as garantias da companhia aérea em relação aos voos; os receios fundamentados nos riscos foram levados em consideração, e essas reflexões foram acolhidas com seriedade. Por fim, concordamos em não suspender essa tão esperada peregrinação de entrega a Maria, preparada com um importante encontro em grupo no dia 22 de fevereiro, na sala de catequese em Straßenäcker 32.

Naquela ocasião, pedi ao grupo que antecipássemos o dia livre, previsto para quinta-feira, 12 de março, para terça-feira, 10 de março. A maioria dos peregrinos pretendia visitar a casa de Santo Antônio em Lisboa, e eu nutria há anos o desejo de ir a Compostela, favorecido pela relativa proximidade com a cidade do Porto. A chegada prevista de avião ao Porto era às 12h55 e, exatamente de lá, às 13h25, passaria o ônibus da linha *Rede Expressos – ALSA*, que chegaria a Compostela às 18h15.

Tudo estava pronto: a companhia aérea havia confirmado o voo e o Santuário Internacional de Fátima havia garantido o programa. Partimos bem a tempo, antes que as grandes restrições comesçassem! Partida regular de Stuttgart, junto com outros peregrinos das Comunidades Católicas Italianas de Munique

e de Stuttgart, animados pelo Pe. Vincenzo Armotti e por Cristina Bongiovanni.

Como previsto, no aeroporto do Porto, o grupo encontrou o Sr. Rui com sua esposa e seguiu para Fátima; eu, por outro lado, esperei o ônibus para Compostela.

Durante a viagem, invoquei Maria com frequência; estávamos na Espanha e Ela “conhecia bem” aquela terra, pois, ainda viva, em 42 d.C., havia se encontrado com São Tiago para encorajá-lo diante dos insucessos de seu ministério apostólico. Pedi a Maria que realizasse também para mim o milagre de Sua visita. Naquele instante, em um outdoor, li: VIA NOVA. Que assim seja! Não sei como, mas aquelas palavras me tranquilizaram; para Deus, nada é impossível.

Ao chegar a Compostela, da parada de ônibus caminhei uns dois quilômetros a pé em direção ao centro; a belíssima catedral, toda envolta em andaimes, estava obviamente fechada a aquela hora. Rezei do lado de fora e confiei a São Tiago todo o perigo do coronavírus, que na Itália já estava no auge! Procurei o escritório de acolhimento aos peregrinos e, com muita dificuldade — eu falava italiano —, me indicaram a hospedagem franciscana.

O local era elegante demais para o meu gosto, então perguntei se poderiam me indicar algo mais simples. Gentilmente, me ofereceram um copo d’água e eles mesmos ligaram para o *San Martin Pinario, na Praça da Imaculada*, nº 3. A poucos passos de distância, fui recebida com muita cordialidade e acomodada no que, na época, era uma cela dos monges beneditinos.

A partir das sete e meia eu poderia tomar o café da manhã, então me levantei cedo e fui direto para a Catedral. Eu seguia pela rua lateral à direita quando me virei para pedir a um transeunte indicações mais precisas. Era um padre, um cônego da catedral, que havia estudado em Roma e falava comigo em um italiano perfeito.

“Venha, irmã, a Basílica está fechada até as nove, mas vou falar com os seguranças, talvez eles deixem você entrar”.

E foi exatamente o que aconteceu!

Perguntei a ele onde ficava o altar. Seguindo suas orientações, parei em oração a uma certa distância, mantendo o olhar fixo no busto que se destacava entre os andaimes. Tudo empoeirado, devido às grandes obras de restauração em vista do jubileu, sem nenhuma vela acesa, mas eu estava ali. Às 9 em ponto, passou por mim um casal de idosos que, com passos rápidos, se dirigia pelo lado esquerdo até a estátua de São Tiago, e vi uma cena incrível de ternura: os braços da senhora envolviam os ombros de São Tiago por um longo momento.

Imediatamente me dirigi naquela direção e não vi a placa que proibia o abraço por causa do coronavírus. Para mim, o abraço da senhora serviu de exemplo e eu estava ali, repeti o gesto. Um funcionário do serviço logo veio me avisar que não era permitido. Fiquei por um longo tempo naquele ponto, atrás de Tiago, desfrutando da graça de tanta oração.

Desci então até o local do sepulcro, que guarda o belíssimo relicário com a concha e a estrela. Aquele lugar era realmente abençoado. Pela postura de oração de uma senhora, voltada para o leste, percebi que naquela direção ficava a capela do Santíssimo; dirigi-me para lá e, às 10h, pude participar da Santa Missa, seguida da confissão sacramental.

Antes de partir, queria comprar alguns livrinhos e, para minha surpresa, reconheci o autor do livro em italiano: o cônego que me ajudara a entrar na Catedral, José Fernández Lago. Quantas graças!!! Sentia muita paz e liberdade interior.

Um dom de graça extraordinário: como eu gostaria de levar outras pessoas a fazer o mesmo percurso! O ano de 2021 será um ano jubilar, pois o dia 25 de julho cai num domingo, e essa é a condição para o Jubileu. Às 12h eu precisava estar no ponto de ônibus para partir para Fa-

tima; restava exatamente o tempo de pegar a mala e partir. A viagem foi tranquila, embora tenhamos acumulado mais de uma hora de atraso em relação à chegada prevista para as 19h. Depois de um jantar rápido com a Irmã Beatriz, nos reunimos com o grupo na capela das aparições. Eles estavam entusiasmados com a visita a Lisboa; eu, muito feliz por ter estado aos pés de São Tiago. Agora eu estava ali com Maria, um momento de graça especial.

Fátima, para mim, é um oásis de paz e de profunda interioridade. Na Capelinha das Aparições, ao lado de Maria, eu passaria horas intermináveis, ganhando as reclamações da Irmã Beatriz, que sempre defende a importância de passar mais tempo na comunidade com ela!

À Maria, Mãe da Misericórdia, eu havia prometido, em sinal de gratidão, dar dez voltas de joelhos no interior da Capelinha, mas já não me lembrava por qual graça recebida. Temendo não cumprir o compromisso assumido, comecei o percurso de joelhos na quarta-feira, 11 de março, dando seis voltas para completar as quatro restantes na madrugada do dia 12 de março.

No dia 12 de março, levantei-me bem cedo; depois do café, fui imediatamente para a capelinha para completar minhas voltas de joelhos antes das celebrações oficiais do dia. Eu estava ao lado da estátua da Nossa Senhora, justamente enquanto fazia a décima volta, e, como um raio, lembrei-me do motivo pelo qual as havia oferecido. A partir de um sonho que tive no dia 3 de fevereiro, compreendi que havia sido salva de algo muito grave!

No sonho, eu via o Fiat 500 branco que uso em Ludwigsburg estacionado entre uma van e um jipe. A van estava parada; o jipe, por outro lado, começou a dar ré e transformou meu carro em uma chapa de metal achatada. O carro estava no chão e lá eu me vi, por baixo, levantando a chapa como se fosse papel manteiga e erguendo a cabeça: eu estava milagrosamente viva! Ao acordar, contei o sonho à Irmã Armada, enquanto íamos para Heilbronn

para um encontro dos missionários italianos da Diocese. Fiquei muito impressionada com o fato de, no sonho, eu ainda estar viva.

Após essa constatação, enquanto completava a décima volta, em sinal de gratidão à Nossa Senhora, ofereci mais duas voltas de joelhos ao redor do recinto. E aí, que espanto! Senti interiormente algumas palavras ditas por Ela ao meu coração: **“Você está viva, siga em frente!”**

Essas palavras foram um presente surpreendente, uma perspectiva, um compromisso e, ao mesmo tempo, um convite para não me deixar parar por nenhum medo. Maria me dava novas certezas e eu devia acolhê-las com alegria e dedicação, certa de Seu socorro! Eu estava viva! Sim, pela Graça do Céu! E quem sabe quantas vezes mais isso viria a acontecer, por puro amor Dele e de Deus, diante dos perigos do dia a dia.

O dia 12 de março foi marcado por muitas provas, esperanças e dificuldades devido à provocação de um senhor italiano de Verona que, para fugir do vírus, havia se refugiado com o pai em Portugal. Com insistência dissimulada, ele insinuava que não poderíamos voltar, tendo em vista o caso do piloto da TAP que havia testado positivo ao chegar ao Porto. Mil garantias não foram suficientes para melhorar o clima. A graça de Deus agiu com a força do órgão e da celebração eucarística das 11h na Basílica do Santo Rosário. Os ânimos se acalmaram. À tarde, cada um reservou um tempo para a oração pessoal e para arrumar a bagagem.

Após o jantar, a oração noturna foi mais uma vez uma entrega contínua à Nossa Senhora diante da situação, agora mundial, da pandemia. Entregamo-nos completamente a Ela, que havia desviado a trajetória da bala que atingiu São João Paulo II, pedindo-Lhe mais prodígios e sinais, para que o mundo creia e louve o Pai por Seus benefícios. Por volta das 23h30, retiramo-nos para algumas horas de descanso, em comunidade com a Irmã Beatriz.

No dia 13 de março, o despertar estava previsto para as 2h30 para o café, o café da manhã e, após as despedidas, a partida para Porto às 3h10. Nosso voo ocorreu normalmente; a alegria transparecia em nossos rostos, como uma confirmação do amor de Deus, que protege e cuida de nós mesmo em meio às provações. Pouco depois de nossa chegada, os peregrinos do grupo do padre Vincenzo e da Cristina se juntaram a nós. Ficamos juntos enquanto aguardávamos o embarque, conversando com todos, trocando apoio e ajuda.

A viagem de trem para Ludwigsburg nos permitiu compartilhar as preocupações de Anna, uma peregrina cujo irmão estava internado no hospital da cidade por causa do coronavírus. Os casos na Alemanha, naquela época, ainda eram relativamente poucos. Todos juntos, garantimos a ela nossas orações.

A experiência de uma peregrinação a Fátima é, a cada vez, um caminho extraordinário que se revela ao longo do tempo por sua importância espiritual. Maria está VIVA e realiza, por meio da escuta, aquilo que nosso pensamento humano nem sequer consegue imaginar. A meditação silenciosa sobre o que vivemos permite compreender melhor o seu significado. Também por esse motivo, ao chegar a Ludwigsburg, optei por ficar um pouco reservada, em “quarentena” sozinha no Grembo.

O Grembo é um espaço privilegiado, concedido a nós pela Diocese de Rottenburg-Estugarda, para meninas em busca de sentido e mulheres em situação de dificuldade, localizado no andar superior da nossa casa. Em meio à pandemia, tomei essa decisão também por precaução em relação à Ir. Marta e à Ir. Armanda, já que tive contato com muitas pessoas no avião.

Os dias no Grembo foram uma bênção: pude refletir muito sobre as graças recebidas nesta viagem e cuidar do ambiente, após um ano de fechamento para reforma. Assim, alternava tarefas de limpeza e organização com longos momentos de oração, meditação e estudo.

Devido às restrições impostas pela gravidade do momento, assumi o compromisso de valorizar o correio para divulgar por toda parte o Rosário ao Espírito Santo com os comentários da Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*” do Papa Francisco. É uma oração muito rica, promovida pela Renovação no Espírito, como súplica e louvor ao Espírito Santo para que cure todo tipo de doença, para que inspire a ciência aos médicos e a sabedoria aos governantes; para que infunda coragem àqueles que estão desanimados e com medo. Sentia que somente uma súplica sincera, vinda de muitos, poderia atender às múltiplas necessidades do homem e do mundo: saúde, economia, apoio às famílias, mundo do trabalho, da escola, da saúde.

Era a minha contribuição para a evangelização, o momento da minha solidariedade espiritual com o mundo que tanto sofria; sentia-me particularmente unida ao povo italiano. Invocava a Mãe de Deus, Esposa do Espírito Santo, para que se compadecesse de nós, acolhesse e atendesse à nossa súplica por toda a humanidade! Amém. E eu também precisava fazer a minha parte, segundo a inspiração que Maria me deu em Fátima: **“Você está viva, siga em frente!”**



- 2 -

A viagem de Ludwigsburg a Piacenza.
Situação crítica da família da Ir. Giuliana
25 de março de 2020



Q Em 17 de março, recebi da Ir. Milva Caro, nossa Superiora Provincial, a notícia do falecimento de padre Giorgio Bosini, acompanhada da página do jornal *Libertà*, de Piacenza, que trazia um resumo de seu perfil como sacerdote — para mim, um santo da porta ao lado —, empenhado no cuidado e na reabilitação de jovens dependentes químicos e no apoio às suas famílias. O artigo definia o padre Giorgio como um ponto de referência para muitas pessoas, um exemplo autêntico de generosidade, de amor ao próximo e de proximidade com quem quer que precisasse de ajuda, colocando-se como referência para a nossa Igreja e para o mundo do voluntariado. E citava uma frase que ele costumava dizer: “Quando o Senhor faz com que você encontre os pobres, te dá uma bênção, não mais um problema”.

Compartilhei imediatamente o artigo com meus familiares, muito ligados ao padre Giorgio por laços de parentesco e profunda estima. Nossas famílias moravam a poucas centenas de metros uma da outra em Ciavernasco e era comum que chegassem até nós cartas destinadas a eles e vice-versa. Nossos pais se chamavam ambos Pietro Bosini, herdando o nome de um tio ferido na Primeira Guerra Mundial, e era inevitável que o carteiro pudesse se confundir. Assim, cabia a nós, crianças, levar a carta até a casa do pai do padre Giorgio, um experiente marceneiro e apicultor apaixonado. A mamãe Margherita era muito acolhedora e nos oferecia de bom grado um copo de refrigerante. Muitas vezes, don Giorgio, um jovem padre ordenado em Settima em 1965, também estava com sua família. Uma amizade de longa data, cultivada especialmente pelo meu irmão Marco.

Na noite seguinte à morte do padre Giorgio, recebi um telefonema do Marco, entristecido com essa perda e com um

pergunta à qual, naquele momento, não fui capaz de responder: ele morreu de coronavírus?

Naquela ligação, muito fraterna e confidencial, Marco também me falou de outras duas coisas importantes: a preocupação com a saúde dele e o pedido de uma estátua da Nossa Senhora para um amigo seu que queria construir um oratório em seu pátio da fazenda em agradecimento por uma graça recebida. O pedido me deixou muito surpresa. Prometi conseguir a estátua para ele em uma próxima peregrinação a Lourdes. Enquanto conversava comigo, Marco tossia repetidamente, mas achava que isso se devia a um trabalho pesado realizado nos dias anteriores. No entanto, isso não deixava nem ele nem eu tranquilos. Nós nos falávamos todos os dias, trocando cumprimentos e pequenas perguntas pelo WhatsApp.

O termômetro indicava febre constantemente e, a essa altura, minha cunhada Fabrizia também já estava com febre. As graves dificuldades respiratórias levaram à internação do meu irmão Marco, por coronavírus, no Hospital de Piacenza, na Unidade de Emergência Sanitária 1, em 21 de março de 2020. Isso preocupou toda a família quanto ao possível contágio de Fabrizia, da minha mãe e dos meus sobrinhos. As crianças me garantiram que tinham deixado a avó o mais “protegida” possível, evitando contatos prolongados com ela, mas, de qualquer forma, ela continuava sendo uma pessoa de alto risco.

As mensagens e ligações para a Fabrizia acompanhavam a hipótese, cada vez mais real, de eu poder ir até Piacenza para cuidar deles, especialmente da minha mãe. Foram momentos de incerteza, mas também de diálogo positivo com minha comunidade, com a Irmã Milva, com o padre Arthur, pároco de Ludwigsburg, e com o padre Nestore, pároco de Markgröningen. De Maria eu tinha ouvido: “Você está viva, siga em frente”: eu não podia ficar parada.

Comecei, então, a cuidar da parte mais técnica da viagem, da segurança do carro e dos documentos a

apresentar nas fronteiras. Devo agradecer ao então cônsul de Stuttgart, Dr. Massimo Darchini, e à Sra. Rosanna Pioselli, do Consulado de Stuttgart, pela orientação, bem como ao casal Stefania Bosini e Abramo Poggi, da Delegacia de Polícia de Piacenza, pelo envio do modelo mais recente de autocertificação, atualizado em 23 de março de 2020.

Sentia que, dada a complexidade do momento, não deveria demorar. Partiria no dia 25 de março, festa da Anunciação, sob a proteção da Mãe de Deus, sem medo. E assim foi. Às 6 da manhã, parti de Ludwigsburg com muita alegria, colocando no carro a estátua da Nossa Senhora das Graças, que recebi de presente da mãe da senhora Anna Città, e com a autocertificação em italiano e alemão. Devo dizer que não sou uma motorista acostumada a viagens de oito horas, mas confiava nisso. Coloquei logo um CD com os hinos da Renovação no Espírito e, no carro, não fiz outra coisa senão louvar a Deus e invocar a força do Espírito que renova a face da terra, ouvindo repetidamente o hino *“Deus é amor”*.

A primeira alfândega, a da Suíça em Schaffhausen, me preocupava. Imaginava um certo rigor nas verificações. Em vez disso, quando mostrei ao funcionário da alfândega a autocertificação em alemão, ele me fez apenas uma pergunta: “A senhora vai visitar seus familiares?” Respondi: “Não, vou cuidar deles, porque estão doentes”. O funcionário da alfândega, com meu documento na mão, consultou o colega e, sorrindo, me disse em alemão: “Boa viagem, siga em frente com segurança, sem fazer paradas!”

Não parecia verdade! Tanta cordialidade e compreensão me fizeram dirigir com segurança por todo o território suíço. A fronteira italiana em Chiasso, por outro lado, foi motivo de preocupação. O oficial da Guarda de Finanças não quis aceitar a autocertificação e exigiu que eu comprovasse o que declarava verbalmente: que estava indo cuidar da minha mãe idosa.

Ele me fez encostar o carro na faixa ao lado até que eu fosse capaz de apresentar provas! A rigidez desse comportamento me deixou sem forças. O que fazer? Minha salvação foram meus sobrinhos, a quem pedi que me enviassem pelo WhatsApp as fotos do documento de identidade da minha mãe e um atestado que comprovasse seu estado de saúde precário. Em poucos minutos, graças à habilidade deles e à precisão em encontrar os documentos, as fotos chegaram. Enquanto eu as mostrava pelo celular, passou diante de nós, na faixa dos “vazios”, um caminhão ao qual o próprio guarda perguntou: “Vazio”? O motorista respondeu com simpatia: “Vazio pra caramba!” E continuou alegremente sua viagem, despedindo-se de mim: “Ah, Soré...!”

Parti com sofrimento e uma certa tristeza pelo que havia acontecido. Sentia que tudo isso me atrasava e me tirava a alegria pelo que eu era chamada a viver e a fazer. Entreguei esse sentimento a Deus, pois ele não poderia me abater. Voltei a cantar e a louvar a Deus com hinos ao Espírito Santo, querendo a todo custo agradecer por tudo o que Ele havia permitido. O rosto orgulhoso daquele motorista de caminhão e seu “vazio de verdade” ficaram gravados no meu coração! Eu já estava em Piacenza, considerada zona de risco para o coronavírus. Esperava encontrar muitos bloqueios, mas não encontrei nenhum.

A chegada em casa, por volta das 14h, foi motivo de grande alegria para mim e para minha família, mas também de séria preocupação com a saúde da Fabrizia e da mamãe. Agora eu estava lá e podia acompanhá-las nesse trecho do caminho. Minha primeira preocupação foi com a Fabrizia, que apresentava tosse persistente e febre. Juntas, decidimos chamar uma ambulância para ela, que chegou, mas não a internou; os profissionais de saúde recomendaram tratamento domiciliar e isolamento do resto da família. Eu era a única que não estava em quarentena e podia sair para ir ao médico, à farmácia e fazer compras de alimentos.

A mãe apresentava sintomas de agravamento, com febre,

desidratação, falta de apetite, rigidez muscular — sinais de gravidade que, em nossa opinião, justificavam a internação. Solicitamos novamente a avaliação do 118 para ela no domingo, 29 de março; mas, mais uma vez, devido à complexidade da situação no hospital de Piacenza, os atendentes decidiram não interná-la e acionar o serviço médico de plantão.

Foram dias importantes, muito difíceis, acompanhados pela dedicação das enfermeiras do serviço domiciliar de Castel San Giovanni e por nós, familiares. Minha mãe estava particularmente dócil, acatava todos os pedidos, mesmo que dolorosos: o convite para comer, a administração de soro, apesar de sua fragilidade venosa. Essa mulher santa havia se preparado a vida inteira para o sacrifício e agora o estava realizando quase com naturalidade, sem temer nada, nem mesmo a morte.

Ela me confirmou isso no dia solene da beatificação da Irmã Leonella Sgorbati, mártir da fé, realizada na catedral de Santa Maria Assunta e Santa Justina, em Piacenza, em 26 de maio de 2018. Após a celebração, da qual participei, fui passar a tarde com minha mãe e, naquela ocasião, ocorreu um momento de graça especial, guiado, sem dúvida, na comunhão dos Santos pela Irmã Leonella.

Minha mãe, sentada como de costume na poltrona em frente à TV, de onde acompanhava os programas religiosos da Telepace, segurou minha mão e me perguntou: “Quando eu estiver muito mal, você virá me ajudar?” Eu, surpresa com a importância e a precisão da pergunta, após um instante de silêncio, respondi: “Claro, mamãe!” E imediatamente minha mãe acrescentou: “E lembre-se: quando isso acontecer... você não chore”. Naquele instante, uma paz profunda desceu à minha alma, um dom de graça que exalava o perfume da eternidade!

Minha mãe sempre trabalhou muito na vida, colocando a serviço de todos sua energia, suas habilidades, sua iniciativa e

força física. Há alguns anos, tudo isso havia desaparecido. Suas atividades se resumiam a trabalhos de tricô que eu lhe pedia para ajudar os pobres e as famílias em dificuldade.

Seus suéteres de lã tricotados foram inestimáveis; fixados em cartolina, tornavam-se um hino à alegria pelo nascimento de crianças e em preparação para o Batismo delas, como o início de uma nova vida. Mas acredito que a página mais preciosa minha mãe tenha escrito com sua última oferta. Um dia, eu e ela estávamos sentadas à mesa ao final do almoço, e ela disse em voz alta esta oração: “Senhor, confio-Te tudo pelo trabalho da minha filha, a Irmã Giuliana. Abençoa-a”.

Eu nunca teria imaginado que a viagem de 25 de março cumprisse o compromisso assumido! Minha mãe ficou em casa conosco até 2 de abril, dia em que, devido a graves dificuldades respiratórias, a ambulância foi chamada novamente. Todos nos despedimos dela e ela apertou minha mão com força e por um longo tempo: foi o último aperto, pois, de fato, não a veríamos mais.

Ela foi internada por covid no hospital de Piacenza por um dia na geriatria e, posteriormente, no hospital de Castel San Giovanni, na ala de cirurgia de curta permanência, onde permaneceu até o dia de sua partida para o céu, em 26 de abril de 2020.

Naquela ala, onde atuava uma equipe maravilhosa e muito humana, com médicos sempre prontos a dar notícias, informando passo a passo a evolução da situação, a enfermeira Elena descreveu minha mãe como: “A mulher mais forte e resistente que já conheci”.

Irmã Giuliana Maria Bosini

A doença atinge três membros da família: Fabrizia,
cunhada da Ir. Giuliana,
conta sua experiência

Meu marido, Marco, começou a tossir cinco ou seis dias antes de ser internado; à noite, quando ele voltava do trabalho e se juntava a nós no jantar, percebíamos que as crises de tosse estavam aumentando em intensidade e duração. Mesmo assim, ele continuava realizando seu trabalho diário sem interromper, até três dias antes da internação, quando, ao medir a febre, percebeu que ela oscilava entre 37,7 °C e 38,2 °C. Acho que era 18 de março. Pensando que se tratava de uma gripe comum, ele ficou de cama e tomou Fluifort Bustina mais Tachipirina 1000, seguindo a orientação do médico responsável. Os sintomas, porém, não diminuam; pelo contrário, ele ficava cada vez mais debilitado e tinha dificuldade para se recuperar após um acesso de tosse; a febre que não baixava mais e a dispneia cada vez mais grave fizeram com que, seguindo o conselho do médico responsável, fosse chamada a ambulância (118) para atendê-lo em casa, no dia 21 de março. Como os socorristas constataram desaturação e temperatura elevada, ele foi encaminhado ao pronto-socorro de Piacenza. Lá, após ser admitido, recebeu oxigênio a 6 l/min e a saturação chegou a 97%.

Foi realizada uma tomografia computadorizada (TC) torácica, que evidenciou uma pneumonia bilateral com aspecto de vidro fosco e “crazy paving”, afetando 25-30% do parênquima pulmonar; um quadro compatível com COVID-19. O primeiro swab, realizado em 21 de março, deu positivo, confirmando o diagnóstico. As primeiras terapias administradas foram oxigênio (Prongs 6 l/min), terapia anti-

biótica, antiviral e hidroxicloroquina, com boa resposta. A partir de 30 de março de 2020, o oxigênio foi reduzido e, a partir de 31 de março, interrompido, com bons valores de oxigênio.

De acordo com o protocolo, no momento da alta, o paciente recebe, além da carta de alta, também um folheto que recomenda o monitoramento, seis vezes ao dia, da saturação de oxigênio, às seis, dez, quatorze, dezesseis, dezoito e vinte e duas horas, com registro em um formulário específico. Uma vez por dia, ele recebe uma ligação de um médico da equipe; quando as saturações digitais se estabilizam em 97/98%, o médico informa ao paciente que ele pode interromper a administração de oxigênio por duas horas. O paciente é considerado clinicamente curado e não mais necessitado de oxigenoterapia se, por dois dias consecutivos, registrar saturações iguais a 97/98%, sem administração de oxigênio.

Assim, em 1º de abril de 2020, Marco retorna à nossa residência, dando início a um longo período de isolamento do restante da família, até a realização de dois swabs com resultado negativo e do teste sorológico para detectar anticorpos contra a COVID-19. Ele permanece em quarentena desde o dia da alta (1º de abril de 2020) até 15 de abril de 2020; tudo se conclui em 12 de maio; é-lhe reconhecido o estado de imunidade e, até hoje, ele parece gozar de boa saúde.

Esta é a descrição sucinta daqueles dias intermináveis e gélidos, vividos sem a presença de Marco; desde o momento de sua partida, a bordo da ambulância que o levava ao hospital, a vida de nossa família sofreu uma reviravolta trágica, e isso foi apenas o início de uma série de acontecimentos que mudariam a existência de todos nós.

Nos olhos dos nossos filhos, Roberto e Michele, eu via muita consternação, como um grande medo: “Nosso pai está indo embora, quem sabe o que vai acontecer, quem sabe se ele vai voltar...” Meu coração batia forte, forte, depois desacelerava; meu marido havia se afastado

se sentindo muito mal; sua vida estava nas mãos daqueles profissionais de saúde que lutavam incansavelmente para vencer um inimigo cruel! Quem sabe para onde o estavam levando.

No pronto-socorro, me disseram que alguns pacientes estavam sendo transferidos, por falta de leitos, até mesmo para Bolonha e Imola, ou seja, muito longe de nós.

Felizmente, nos informaram que ele ficaria em Piacenza e que, embora seu quadro fosse preocupante, não precisava de ventilação por intubação. Desde então, todos os dias, na mesma hora, eu ligava para a enfermaria onde ele estava internado e esperava com o coração na boca — e nossos filhos comigo — por notícias um pouco melhores! E finalmente as notícias chegaram, mas, infelizmente, nesse meio tempo eu também havia adoecido, felizmente de forma não grave, e depois, em uma sequência trágica, também a mãe do Marco e a irmã, a Irmã Giuliana, e isso foi apenas o começo.

Apenas um dia após a alta, a mãe dele seguiu para o hospital, de onde nunca mais voltou.

Ele teve o consolo de poder vê-la novamente e se despedir enquanto a colocavam na ambulância: poucas palavras e uma troca de olhares ternos e dolorosíssimos. Uma grande despedida feita não de palavras, com o coração sangrando e miseravelmente indefeso. Como se, pela segunda vez, a mãe quisesse dar a vida pelo filho: “Senhor, leva-me e salva-o”, e depois, lá de cima, após tantos dias de batalha, ainda a última oração: “Senhor, protege também minha filha; eu vou para ti em paz se souber que Marco e Giuliana estão a salvo; contigo estarei bem e sempre rezarei por eles e por todos os meus entes queridos. Obrigada, ó Senhor da vida plena que me concedeste; agora sou tua, leva-me contigo, mas deixa que um pouco da minha alma permaneça com eles! O coração de uma mãe nunca abandona completamente seus filhos, assim seja!”

Fabrizia



- 3 -

Minha internação no hospital

9 de abril de 2020



O Em 31 de março, comecei a ter febre, controlada com paracetamol e, posteriormente, com antibióticos. Jesus, que tempos difíceis! Vem em nosso auxílio!

No dia 6 de abril, a equipe da doutora Giuliana Rapacioli vem me visitar e diagnostica pneumonia por coronavírus. Ela me prescreve comprimidos antivirais, sete no total. A esperança de que esse medicamento possa levar a uma recuperação gradual se mostra quase imediatamente infundada. Cada vez mais fraco, passo várias horas do dia na cama, sem forças. São frequentes as ligações para a médica de família, a Dra. Bruschi, em busca de orientações, especialmente sobre a possibilidade de aumentar o oxigênio. Minhas forças diminuem a tal ponto que não consigo mais atender o telefone. Na manhã de 9 de abril, devido à saturação muito baixa, minha cunhada Fabrizia percebe que é hora de chamar a ambulância para mim.

Aí começou um período realmente difícil, um verdadeiro calvário: o som estridente da sirene, já ouvido tantas vezes naqueles dias, as dores, a fraqueza extrema, os movimentos bruscos da ambulância, a espera no pronto-socorro sentada em uma cadeira de rodas depois de ter sido atendida pela enfermeira Alice.

A tomografia computadorizada do tórax havia evidenciado a presença de opacidades parenquimatosas bilaterais com aspecto de “vidro fosco”, que se estendiam por cerca de 50 a 60% do volume pulmonar total. Devido ao agravamento das trocas respiratórias, fui submetida a tratamento com máscara de oxigênio. Mas não foi suficiente.

Após a consulta médica, fui transferida para a medicina de urgência. A médica da admissão, Silvana Mazzoni, me disse que mudaria a terapia, passando dos comprimidos antivirais para o Paraquelele. O sorriso da médica e a notícia

da mudança de terapia me animaram muito. Esse comprimido tão famoso traria benefícios; essa era minha grande esperança. Eu estava no quarto com um senhor de San Giorgio que havia contraído o vírus no trabalho, em uma oficina mecânica. Na manhã de 10 de abril, Sexta-feira Santa, fui transferida para um quarto diferente para tentar a terapia hiperbárica. Estava ficando cada vez mais difícil respirar, então a doutora Mazzoni decidiu transferir-me para a unidade de terapia intensiva.

Revivo a imagem daquela maca sendo conduzida pelos corredores em direção à unidade de reanimação. O rosto sombrio das duas enfermeiras e as palavras que trocaram entre si: “Faço esse trabalho há vinte e cinco anos; na UTI não se pode levar nada, nem mesmo o celular”. Estava claramente começando uma nova jornada! Eu estava sozinha, sozinha com a ajuda de Deus!

Eram pouco mais de três da tarde da Sexta-feira Santa, quando a doutora Maria Cristina Savi me recebeu e, com muita determinação, me disse: “Você não tem alternativa, precisa ser intubada imediatamente. Prepare-se, em três minutos você precisa estar pronta”. Respondi à doutora com a mesma segurança, dizendo que, ao chegar à enfermaria e observar a cúpula de Santa Maria di Campagna, eu me havia entregado à Nossa Senhora e lhe dissera: “Vá em frente, Maria”. Eu estava pronta. Após essas palavras, fui induzida a um coma farmacológico, que durou até 16 de abril, quando, com a redução gradual dos medicamentos, comecei a abrir os olhos... sem entender onde estava. Lembrava-me de ter tido pesadelos, de ter ouvido ruídos irreais, de ter visto pessoas trabalhando em silêncio e outras falando em espanhol. Onde eu estava? Sentia muita dor e a pressão da sonda me cansava. Ninguém ainda falava comigo; eu sentia a morte tão próxima que queria dar um sentido a tudo.

Na minha pequenez, não podia fazer outra coisa senão unir espiritualmente minha dor à de Jesus, por toda a humanidade. Sentia viva a mensagem de Fátima: “Oferecer cada sofrimento,

humilhação e dor, repetindo: ‘É por amor a vocês, Jesus e Maria!’” Isso me dava consolo: minha dor podia ser um presente agradável a Deus para a salvação de alguém.

Ofereci conscientemente tudo por cada irmã da Congregação e por nossos confrades scalabrinianos, pela unidade de nossos Institutos e pelos leigos missionários scalabrinianos de todo o mundo. Enquanto confiava e me entregava a Deus, sabia com certeza que muitas irmãs e amigos leigos rezavam intensamente por mim e estavam ao meu lado com a força incrível de uma família. Eu via os rostos de tantas pessoas (que depois descobririam serem muito mais numerosas) voltados para Deus em busca da minha cura! Isso me dava muito conforto.

Do meu leito, o número nove, via uma imagem da Nossa Senhora da Saúde colocada pelas enfermeiras na ranhura dos fios do computador e comecei a confidenciar a Maria a sensação de que não conseguiria. Eu estava muito fraca, não via saída e pedia coragem para oferecer minha vida com a gratuidade do primeiro “Sim” a Jesus e com a força de tantas mulheres santas que haviam vivido com graves problemas respiratórios.

Então, a oração consciente a Jesus. Eu me identificava com o paralítico na piscina de Betesda, com Jesus dizendo, desta vez para mim: “Você quer ser curada?” Sim, mas como isso seria possível? E ali, uma palavra: *a Theotokos!* Sim, Ela poderia me salvar. Naquele momento, surgiu em mim o desejo de agradecer antecipadamente a Maria com a promessa de ir a Loreto a pé, caso fosse curada. A esperança renascia em meus pensamentos, e um versículo bíblico jorrava do meu coração: *“E ele me faz caminhar nas alturas”* (Ab 3, 19). Agora eu tinha certeza: minha recuperação seria completa. Algumas horas depois, a enfermeira Stefania Politi me chamou pelo nome e disse: “Irmã Giuliana, está me ouvindo? Sou a enfermeira encarregada de acordá-la. Está sentindo dor?” Eu não tinha voz e não sabia como responder. Então ela se aproximou e

tocou minhas mãos, abaixando o lençol e acrescentando: “Faça um sinal combinado”. Foi minha libertação, pois me veio espontaneamente encolher os ombros, porque eu estava amarrada com muita força às grades da cama, e ela entendeu e imediatamente disse: “Desamarrem-na!”

Eu não conseguia falar, mas estava consciente e entendia tudo. O grande relógio, em frente à minha cama, me acompanhava e me dava a noção do tempo; no entanto, eu prestava atenção à saudação da troca de turno para saber se era noite ou dia. O tempo, a saúde, a autonomia que já não existiam ganhavam um valor de um significado inestimável. No Dia da Divina Misericórdia, domingo, 19 de abril, fui desintubada. Na tarde de 20 de abril, com um sorriso no rosto, a Dra. Savi me disse: “Estou aqui para a carta de alta e depois vou me despedir de você. “Você me reconhece?” Pela forma como ela fez a pergunta, percebi que devia ser a médica da reanimação que havia me intubado. Ela logo acrescentou: **“Você é um ótimo resultado para nós, um resultado nada garantido! Mandamos uma colega nossa de 56 anos para o hospital de Bolonha e ela não resistiu. Lembre-se disso... e reze por nós!”**

Fiquei na unidade de terapia intensiva até o dia seguinte, 21 de abril. De lá, voltei para a emergência, onde, com triste surpresa, percebi que minhas pernas não me sustentavam, eu não conseguia ficar em pé, minha mão direita ficava a 20 cm do rosto, não conseguia me alimentar sozinha, minhas mãos tremiam e eu precisava de ajuda para tudo. Diante daquele prato de canja... me rendi: não conseguia levar a colher à boca.

No dia 22 de abril, tive a consulta com o fisiatra, que me encaminhou à fisioterapeuta Anna para o tratamento respiratório e motor. Sua intervenção foi muito significativa para uma recuperação radiante da minha mente. Ela me fez começar com movimentos simples de um minuto, repetidos três vezes: eu tinha que pisar as uvas, apoiada na cadeira e com a cama atrás de mim, para não cair.

Nos dias seguintes, outros pequenos exercícios que, em pouco tempo, me devolveram a autonomia.

No mesmo dia, pedi aos enfermeiros que me devolvessem minha bolsa e meu celular, que estavam guardados por eles desde o momento da internação. Foi uma grande alegria ligar para a Irmã Milva Caro, nossa Superiora Provincial, assim como para a Superiora Geral, Irmã Neusa de Fátima Mariano, e para as irmãs da comunidade de Ludwigsburg, Irmã Marta e Irmã Armanda. As três ligações me deixaram muito cansada, mas foram uma torrente de alegria.

Não me parecia verdade ouvir novamente suas vozes, compartilhar uma experiência de dor e alegria, sentir o carinho delas e perceber a confirmação da oração e do interesse de tantas pessoas. Entre as coisas extraordinárias compartilhadas pela Irmã Milva, havia a novena online pelo Facebook ao Beato João Batista Scabrini, nosso Fundador, pelo milagre da minha cura, animada pela comunidade de Piacenza e acompanhada todos os dias às 15h30 por mais de oitocentas pessoas dos cinco continentes. A Superiora Provincial me disse isso com grande ênfase: “Você não pode imaginar quantas pessoas estavam conectadas rezando por você!” Assim, compreendi que esse encontro de oração havia me libertado das correntes da morte.

No dia 25 de abril, o médico da enfermaria finalmente me disse: “Hoje você está fora de perigo! Pode ser transferida para o Hospital de Castel San Giovanni”. Lá também estava internada minha mãe, e o desejo de apertar sua mão, de me aproximar dela, era tão forte que me fez querer a transferência imediatamente. Naquele dia, porém, não havia vaga e o dia seguinte era domingo. Assim, minha partida para Castel San Giovanni foi marcada para 27 de abril, enquanto minha mãe nos deixava na noite de 26 de abril. Eu tinha acabado de receber a notícia quando chegaram os paramédicos da ambulância para a transferência, mais uma grande dor a ser entregue a Deus. Estou convencida de que minha

mãe se tenha oferecido por mim. No domingo, 3 de maio, recebi a visita tão bem-vinda do Dr. Eugenio Ferri, cirurgião do hospital de Piacenza e membro do Movimento dos Focolares. A conversa com ele foi muito esclarecedora. Ele começou dizendo: **“Antes de entrar no seu quarto, passei pelo consultório dos médicos para ler seu prontuário; devo dizer que você correu sérios riscos de danos cerebrais”**.

A graça das graças foi a Páscoa, celebrada para mim no quarto domingo da Páscoa, em 3 de maio de 2020. Eu não conseguia mais viver sem a Eucaristia. Eu a pedia com insistência à Dra. Paola, mas, devido ao fechamento das igrejas e às restrições às visitas no hospital, o caminho era complicado. A doutora organizou tudo com o padre Giuseppe Busani, o pároco de Castel San Giovanni, e foi ele quem, no dia 3 de maio, vestiu o equipamento de proteção como um enfermeiro e me trouxe Jesus. Que alegria, finalmente a Páscoa!

Em Castel San Giovanni, ganhei mais segurança na minha autonomia; fiquei naquele quarto até o dia 8 de maio, data do meu retorno para a família, com uma autonomia adquirida de cerca de cinquenta metros por dia de caminhada e o conselho do fisioterapeuta Mirko, que me sugeriu continuar em casa e caminhar pelo menos duzentos a trezentos metros por dia.

No dia 12 de maio, comecei a subir escadas pela primeira vez, para sair para caminhar, apoiando-me nos ombros do meu sobrinho Michele, pois minhas pernas tendiam a ceder. Ele me garantiu que, no dia seguinte, faríamos o mesmo percurso; porém, devido a um compromisso inesperado, Michele precisou sair. Era 13 de maio, dia da Nossa Senhora de Fátima; naquele dia, consegui descer as escadas com total autonomia e caminhei dois quilômetros.

Quanta gratidão essa experiência deixou no meu coração! E não apenas para com minha mãe, mas também para com as muitas enfermeiras e enfermeiros que, com paciência, cuidavam das minhas fe-

necessidades do meu corpo, que precisava de tudo. Agradeço às fisioterapeutas e aos fisioterapeutas que me ajudaram a recuperar a autonomia física e mental.

Agradeço ao senhor Giuseppe Niccoli, “o vigilante” de Piacenza, que compartilhou comigo o mesmo caminho árduo e a lenta recuperação, incluindo a perda de sua querida mãe, outra intercessora para devolver-lhe a vida. Nossas mães santas! Agradeço à minha família, que, ao meu retorno do hospital, encontrei tão carinhosa e atenciosa. O primeiro café que tomamos juntos, o doce do Roberto, os passeios com o Michele, as reflexões e os cuidados da Fabrizia, as piadas do Marco, os pratos especiais da

Grazia.

Também sou grata pelas milhares de ligações e pela visita das irmãs, amigos e parentes. Obrigada!

Quantos agradecimentos, quantos gestos revigorantes. Tesouros!

Meses depois, após minha recuperação completa, sinto que posso parafrasear minha história com o “sacrifício” de Isaque, em Gênesis 22, 1–18. Eu também fui poupada!

“Abraão pegou a lenha do holocausto e a colocou sobre os ombros de seu filho Isaque; pegou o fogo e a faca, e então os dois seguiram juntos. Isaque dirigiu-se ao pai Abraão e disse: ‘Meu pai!’. Ele respondeu: ‘Aqui estou, meu filho’. Ele continuou: ‘Aqui estão o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?’. Abra-mo respondeu: ‘O próprio Deus providenciará o cordeiro para o holocausto, meu filho!’. Os dois seguiram juntos; chegaram ao lugar que Deus lhes havia indicado; ali Abraão construiu o altar, colocou a lenha, amarrou seu filho Isaque e o deitou sobre o altar, em cima da lenha. Então Abraão estendeu a mão e pegou a faca para imolar seu filho. Mas o anjo do Senhor o chamou do céu e lhe disse: ‘Abraão, Abraão!’. Ele respondeu: ‘Eis-me aqui!’. O anjo disse: ‘Não estendas a mão contra o menino e não lhe faças nenhum mal! Agora sei que tu temes a Deus e não me negaste teu filho, teu único filho’. Então Abraão ergueu os olhos e viu

um carneiro preso pelos chifres em um arbusto. Abraão foi buscar o carneiro e o ofereceu em holocausto no lugar do filho. Abraão chamou aquele lugar de: ‘O Senhor proverá’; por isso, hoje se diz: ‘No monte, o Senhor proverá’. Então o anjo do Senhor chamou Abraão do céu pela segunda vez e disse: ‘Juro por mim mesmo, oráculo do Senhor: porque você fez isso e não me negou seu filho, seu único filho, eu o abençoarei com todas as bênçãos e tornarei sua descendência muito numerosa, como as estrelas do céu e como a areia que está na praia do mar; tua descendência tomará posse das cidades dos inimigos. Todas as nações da terra serão abençoadas por meio da tua descendência, porque obedeceste à minha voz’.

O texto faz referência precisa ao carneiro preso! Não creio estar errada ao afirmar que o carneiro sacrificado em meu lugar foi minha mãe. Ela sacrificou de várias maneiras sua vida por mim, por seus entes queridos tão amados e, em particular, nestes anos de missão longe de casa, senti-a como meu anjo da guarda e guardiã da vida em plenitude. Foi ela quem, com muita consciência, me disse quando parti para o convento: “Lembre-se sempre das palavras de Jesus: Tome todos os dias a sua cruz e siga-me.” E ela realmente entendia de cruz! Sempre ofereceu sua vida como dom, assim como Jesus, que passava fazendo o bem a todos.

Ir. Giuliana Maria Bosini

- 4 -

Testemunhos de oração



No início de março de 2020, padre Giorgio Bosini foi uma das primeiras vítimas da Covid-19. Posteriormente, o irmão e a cunhada da irmã Giuliana adoeceram, felizmente sem gravidade. Já a mamãe Angela, que já estava debilitada, adoeceu gravemente, e a irmã Giuliana, como uma boa filha, pegou o carro e voltou da Alemanha para casa: ela precisava cumprir a promessa que havia feito à mamãe Angela de estar ao seu lado no momento mais difícil. A mamãe Angela tinha perdido a memória aos poucos, mas, por exemplo, lembrava-se de que íamos à missa juntas quando eu era uma menina e ela uma mulher de meia-idade, e nunca se esqueceu de rezar: sabia que Cristo era sua rocha.

Após três dias de cuidados domiciliares intensos, Giuliana foi obrigada a chamar a ambulância e a internar a mãe. Na segunda-feira seguinte, ela me disse que sentia um peso nos pulmões e que havia sido contagiada. Apesar das terapias prescritas pelos médicos da USCA, depois de uma semana ela teve que ser internada e, na Sexta-feira Santa, foi intubada.

Naquela época, as irmãs scalabrinianas iniciaram uma novena ao Beato João Batista Scalabrini, para que ele curasse sua missionária. Nós, do grupo São Rafael, nos conectávamos às 15h30 e participávamos das orações. Fui me confessar com o padre Valério para que minhas orações fossem atendidas. Naqueles dias, eu só conseguia acompanhar a missa por streaming e, depois, ia à igreja da Santíssima Trindade para receber a Eucaristia. Além disso, enviei mensagens a todos os amigos de Settima pedindo orações, especialmente ao Antonio e, depois, ao padre Pietro Cesena, à mãe Maria Emmanuel, à minha irmã, aos meus irmãos e à minha amiga Ileana Maffoni.

No domingo após a Páscoa, dia da Divina Misericórdia, a irmã Giuliana teve o tubo de ventilação removido e voltou para casa para a reabilitação. Infelizmente, a mamãe Angela já havia partido para o céu. Durante todo esse período, minha cunhada ligava para os médicos para obter notícias tanto da Giuliana quanto da mamãe e, com muita gentileza, nos informava.

Na casa do irmão e da cunhada, Giuliana foi se recuperando aos poucos, cercada pelo carinho de seus entes queridos, e se curou completamente

Dra. Anna Baldini

Meu nome é Anna e moro nos arredores de Nápoles. Conheci a irmã Giuliana em um Santuário Internacional, em Fátima, onde Nossa Senhora apareceu em 1917. Sou muito devota à Santíssima Maria e gosto de visitá-la uma vez por ano e passar alguns dias com Ela. Fizemos a Via Crucis com a Irmã Giuliana, guiada por ela, e foi maravilhoso, pois em cada estação ela nos levava a refletir sobre significados comoventes a respeito dos sofrimentos de nosso Senhor Jesus Cristo.

A alma era tocada profundamente e a mente já imaginava todo aquele sofrimento de Jesus. Estávamos em Fátima nos dias da festa de 13 de outubro, data em que, em 1917, ocorreu o milagre do sol que girava e exibia mil cores. Antes da partida, trocamos nossos números de telefone com os demais membros do grupinho e partimos para nossos destinos com o desejo de nos reencontrarmos no ano seguinte, novamente no dia 13 de outubro, data solene em que chegam fiéis de todo o mundo.

A esplanada do Santuário fica lotada além do imaginável. Na noite de 12 de outubro, tudo está repleto de pessoas com velas acesas que participam da vigília de oração; a grande praça é iluminada por chamas tremeluzentes e o ambiente é muito sugestivo.

Nos reunimos com o grupo de amigos que vinha da Alemanha e logo começou a festa. Também reencontrei a Irmã Giuliana, que acompanhava o grupo de amigos alemães. Nesses dias, fizemos novamente a Via Crucis com a irmã que nos guiava, estação por estação, e nos fazia participar de toda aquela dor de Jesus e de Maria Dolorosa. Nos aproximamos ainda mais uns dos outros, pois os encontros que acontecem nos locais marianos são abençoados pela Nossa Senhora, e não é por acaso que nos conhecemos; acho que tudo é decidido pela Nossa Senhora. Era outubro de 2019.

Então, na primavera de 2020, fiquei sabendo que a Irmã Giuliana estava na Itália, internada no hospital e muito mal, pois não conseguia respirar. Naquele momento, todos nos mobilizamos com nossos grupos de oração. Muitos de nós nos reunimos para rezar por ela. Mas a Irmã Giuliana não melhorava. Todos nós rezamos muito: na Alemanha, na Itália e até mesmo no Brasil. O estado de saúde da irmã era muito grave.

Um dia, soube por telefone, através de amigos da Alemanha, que a Irmã Giuliana estava um pouco melhor, que haviam retirado o tubo e que ela já começava a respirar por conta própria. Seus pulmões haviam se reativado e, assim, pouco a pouco, dia após dia, ela melhorou a ponto de receber alta da UTI e ser transferida para a enfermaria. Isso foi, para nós, um milagre. A oração constante e insistente havia alcançado as alturas celestiais, e Nossa Senhora operou a cura até o retorno da Irmã Giuliana para casa, entre os seus. Essa cura aconteceu pela fé de todos nós: a oração faz milagres. Glória ao Senhor e honra a Nossa Senhora de Fátima para sempre.

Anna



Presina, PD – 11/01/2022

Começo dizendo que não me lembro exatamente das datas desse acontecimento; uma coisa é certa: soube da gravidade do estado de saúde da Irmã Giuliana depois que, na cidade de Presina, foi tomada a decisão de realizar uma novena pela intercessão de Dom Scalabrini. Fiquei sabendo disso em 11 de abril de 2020. Ao saber que a Irmã Giuliana estava muito mal e estava na UTI, naquele momento, sem palavras, entrei em casa e rezei.

No dia 19 de abril, domingo dedicado à Divina Misericórdia, a Irmã Giuliana começou a melhorar. Para mim, a Divina Misericórdia é uma grande festa também porque, há muitos anos, a Irmã Giuliana me deu de presente um livrinho dedicado a mim, e era justamente a festa da Divina Misericórdia de Santa Faustina. (Como os acontecimentos se encadeiam!)

Desde aquele 11 de abril, prometi acender uma velinha (que até hoje acendo todas as manhãs) e rezar a coroa da Divina Misericórdia, pedindo e suplicando ao meu Senhor Jesus, com concentração mental, colocando nisso toda a minha energia: “Peço-Te que ajudes esta tua fiel serva, Giuliana.”

De vez em quando, eu me informava: um dia estava mais ou menos, outro era mais grave. Mas, no meu íntimo, nutria uma certeza que guardava para mim mesma: ela não estava sozinha, havia muitas pessoas rezando. Quando soube que ela havia saído da UTI, que alívio! Levantando os braços para o céu, agradei a Deus, ao universo, ao céu, às estrelas e à Mãe do Céu! Aleluia, obrigada, obrigada!

Anna Squizzato



Querida Irmã Giuliana,
mandei uma mensagem para você, depois outra e mais outra ainda. Você não respondeu! Percebi imediatamente que algo não estava certo. Liguei para as irmãs scalabrinianas de Piacenza. Elas me deram a notícia de que minha Irmã Giuliana, a irmã que me ensinou a viver, que me ajudou a superar tantos momentos difíceis, estava no hospital, em estado muito grave, em coma por causa da Covid!

“Senhor, eu te imploro, não pode tirar a Irmã Giuliana de mim!”

Coloquei a mão direita sobre a imagem de Deus acolhendo com amor um pecador, imagem que a própria você me havia dado, e pedi ao Todo-Poderoso que a salvasse, por favor! Eu estava arrasada! O que me sustentou foi a oração diária organizada pelas Irmãs Scalabrinianas, pela internet. O seu nome era mencionado! As lágrimas escorriam pelo meu rosto, mas eu estava confiante! E, no fim, Deus te salvou, minha querida Irmã Giuliana! OBRIGADA! Continue ouvindo e ajudando as pessoas que recorrem a você.

Antonietta Matola



Ponte dell'Olio, 10/01/2022

Escrevo estas anotações também para falar comigo mesma. O que eu fiz de concreto por você, Giuliana?

Quando soube que a COVID havia te atingido, fui tomada por um desânimo e uma profunda tristeza; quando ligava para saber notícias suas, me respondiam que só podíamos esperar e rezar, então eu também esperei e rezei, ciente de quão pouco pode valer minha oração de cristã com pouca convicção.

É claro que implorei à Nossa Senhora junto com suas irmãs e muitas outras pessoas; rezei ao Beato Scalabrini e a todos os santos para que eu não fosse privada da sua presença de “Iluminada por Deus”, como dizia a irmã Concetta, que, quando eu lhe pedia um conselho, me respondia para ouvir você, pois somente você possuía esse dom precioso. É claro que rezei a Deus, junto com todos os outros, para que não nos privasse de você, e Deus atendeu às nossas orações.

Agora você ainda está aqui conosco, farol seguro, amiga, confidente preciosa, irmã que me sustenta e conforta, guia que me leva a compreender a bondade e a beleza de Maria por meio do seu exemplo.

Obrigada por estar aqui, Irmã Giuliana.

Antonietta Spelta



Não vou escrever datas, horas, minutos; não os sei, pois naquele período o tempo parou. A Irmã Giuliana havia partido às pressas para a Itália para cuidar de sua mãe idosa. Entrei em contato com ela alguns dias depois e ela estava tossindo, uma tosse seca; depois veio a febre, e assim seu estado se agravava a cada hora que passava. Comecei a me preocupar, sabendo da situação de saúde de um de seus pulmões. Em minhas orações diárias, comecei a lembrar-me dela. Meu coração estava cheio de medo, mas eu confiava na Misericórdia de Jesus. Então, a Irmã Armada, que fazia questão de nos manter informados sobre seu estado, nos deu a notícia de que seu quadro se agravava a cada dia. Entrei em pânico e pedi orações também às minhas colegas (muçulmanas, evangélicas etc.) — todas rezando por ela.

Juntei-me à oração diária feita por sua Congregação, as Irmãs Scalabrinianas, às 15h30, ao vivo no Facebook, com o Santo Rosário pela Irmã Giuliana. Dirigindo-me a Jesus, conversava com Ele e lembrava-Lhe o quanto a Irmã Giuliana é importante nesta terra: “Querido Jesus, Tu sabes o quanto ela Te ama e quanto amor por Ti ela transmite a todos aqueles que encontra, trazendo de volta ou conduzindo até Ti a nós, que estamos perdidos no mundo. Precisamos de religiosas como ela, que nos mostrem o caminho até Ti. Agradeço desde já pelo que Tu farás. Eu Te amo, Jesus.”

Essa foi a minha oração pela Irmã Giuliana. Pedi orações também aos meus filhos e, um dia, minha Chiara veio até mim e disse: “Mãe, a Irmã Giuliana vai conseguir”.

Havia muita certeza em seus olhos e em sua voz. A vela que ela havia acendido em honra da Nossa Senhora das Graças, venerada em Nápoles Quindici, e em seu altazinho queimou suavemente e por muito mais tempo do que o habitual; de fato, no mesmo momento, ela havia acendido outra vela do mesmo tipo por um amigo falecido, e esta última queimou como todas as outras vezes, rapidamente e de forma irregular.

Carmela Santaniello



Hoje, 8 de fevereiro de 2022, eu, Cosimina D'Aquino, relato meu testemunho sobre nossa amada Irmã Giuliana, quando, no ano de 2020, ela adoeceu com coronavírus.

Ficamos sabendo, por meio da Ir. Armanda, que seu estado era muito grave. Com nossa família, rezamos muito por sua cura. Eu, pessoalmente, recorri à nossa imagem do Coração de Jesus, pedindo-lhe todos os dias que tocasse a Ir. Giuliana na testa com sua mão abençoada.

Nossa imagem do Coração de Jesus fica no quarto do meu filho Luca. Temos muito carinho por ela porque, em 2015, no dia de Pentecostes, recebemos um sinal que durou o dia inteiro.

Era o período do lockdown e, infelizmente, eu não podia ir à igreja; por isso, pedi à minha nora que se aproximasse e rezasse comigo diante do Coração de Jesus.

Graças a Deus, com todas as pessoas que rezaram por ela, recebemos a boa notícia de que a Irmã Giuliana estava melhorando cada vez mais. Hoje, posso dizer, estamos todos felizes por ter nosso Anjo conosco.

Cosimina D'Aquino



Meu nome é Elena, mãe de Teodora, uma menina que nasceu com 24 semanas de gestação e pesava apenas 550 gramas. Passamos um ano no hospital com muitos problemas de saúde, muitas cirurgias e até mesmo um coma que durou três semanas. Não tenho parentes aqui na Alemanha. Não tinha ninguém, mas agora posso dizer que tenho um anjo da guarda chamado Irmã Giuliana.

No dia 15 de abril de 2020, recebi uma ligação. Era a irmã Armanda, que mora na comunidade com ela em Ludwigsburg, e me disse que a irmã Giuliana estava em coma e intubada no hospital, acometida por aquele vírus sobre o qual, naquela época, se sabia pouco e o medo da morte era enorme. Que sentimento eu tive? Tristeza, certamente, mas, ao mesmo tempo, uma tranquilidade. Não, não estou louca, foi mesmo tranquilidade, porque ela é uma dádiva, ela tem uma missão nesta terra.

Quem conhece a irmã Armanda pode perguntar a ela o que eu respondi: “A irmã Giuliana vai se recuperar bem, porque ainda há muitas pessoas que precisam da ajuda dela”. Duas pessoas queridas na minha vida estiveram em coma: uma é minha filha e a outra é a irmã Giuliana. E as duas estão vivas.

A essência do que aconteceu com a irmã Giuliana é o poder da oração, da fé, da bondade de Deus e do desejo dela de viver para continuar ajudando as pessoas, para levar a bom termo a missão que Deus realiza por meio dela.

Lembro-me de que, quando a Irmã Giuliana estava em coma, a Irmã Armanda me disse que havia quase oitocentas pessoas rezando pela internet!

Elena



Hoje compreendi uma coisa. Com esse coronavírus, Jesus concedeu dois dons a Giuliana: em primeiro lugar, o de não estar sozinha, mas apoiada por tantas pessoas em oração; e, por meio de Giuliana, a força da oração de tantas pessoas foi ouvida; Ele reuniu as multidões.

E o outro presente que lhe foi dado foi o de viver a paixão de Jesus. Claro, ela já havia passado por momentos e situações difíceis, mas aqui ela colocou em jogo seu corpo, todo o seu ser, dizendo, como sempre, seu “sim”, para ajudar sua mãe. Excepcional!

Erika Bragato



Meu nome é Francesca e sou amiga da Irmã Giuliana. Quando soube que ela havia sido infectada pelo vírus Covid-19 e estava muito mal, estávamos no período da Quaresma. Todas as manhãs, às 7 horas, o Papa Francisco celebrava a Santa Missa e, logo em seguida, havia um momento de Adoração. Eu participava todas as manhãs e rezava pela Irmã Giuliana e por sua mãe.

E Jesus falava comigo e me dizia que a Irmã Giuliana iria se curar, enquanto sua mãe iria para o céu. Também rezei a novena à Madonnina que Desata os Nós, sabendo que a Irmã Giuliana é devota dela.

Eu sempre mandava mensagens para ela no celular, mesmo sabendo que ela não poderia me responder.

Quando chegou a Semana Santa, mergulhei profundamente na oração. Então, quando a Irmã Giuliana enviou a primeira mensagem dizendo que estava um pouco melhor, eu exultei de alegria. Ela é uma pessoa especial que, diante de cada lamento das pessoas, sempre tem palavras de consolo, e eu a amo muito.

Franca Melillo



Meu nome é Francesca Negretti. Sou de Fino Mornasco (Como), cidade natal do Beato Gian Battista Scalabrini.

Conheço a Irmã Giuliana há quase quarenta anos, pois ela esteve entre nós, moradores de Fino, por um longo tempo, sendo um testemunho único e irrepetível de amor ao próximo.

Com ela, muitas vezes rezei ao Beato Scalabrini em momentos de dificuldade, sempre que surgia uma necessidade. Nunca ficamos desapontadas. No entanto, nunca tivemos a oportunidade de pedir ao Beato um milagre ou, de qualquer forma, uma intervenção especial que pudesse ser considerada um milagre.

A primeira vez que rezei ao Beato Scalabrini para que realizasse um milagre foi justamente por ocasião da doença (Covid-19) da Irmã Giuliana, durante a primavera extremamente difícil de 2020.

Ficar sabendo da gravidade da doença que a Irmã Giuliana enfrentava, das poucas esperanças de recuperação, da internação, saber que ela estava inconsciente, intubada, em coma farmacológico por dias e dias foi um trauma para todos nós que a conhecemos. Nos disseram que seu estado era gravíssimo, que ela tinha poucas esperanças de sair viva daquela situação.

Momento de desânimo, vontade de chorar, descrença. Mas foi justamente ela quem me ensinou a nunca perder a esperança e a fé. Rezei, rezei, rezei como costumávamos fazer juntas. Rezei muito ao Beato Scalabrini. Pedi a Deus que permitisse que nosso Beato intercedesse para que a Irmã Giuliana pudesse sair do coma, melhorar sua precária situação de saúde e se curar.

Naqueles meses, nem sequer era possível entrar na igreja; assim, fiquei privada da possibilidade de ir rezar diante

ao altar dedicado ao Beato Scalabrini, cuja imagem nos acolhe com aquele seu olhar cheio de amor, com a atitude protetora para com os mais humildes e necessitados.

Não desanimei. Em casa, guardo a imagem daquele altar e, ajoelhada diante dela, rezei ao Beato Scalabrini por dias e dias, sem nunca perder a esperança. Enviava mensagens de voz para o celular da Ir. Giuliana, na esperança de que alguma enfermeira pudesse fazer com que ela as ouvisse. Nessas mensagens, eu a encorajava a se manter firme e a confiar, junto comigo, no Beato que me olhava da imagem diante da qual, todos os dias, eu pedia a graça de sua cura.

E essa graça, esse milagre aconteceu: o Beato Scalabrini ouviu minhas, nossas orações, e a Ir. Giuliana se curou, superando a doença por completo. A fé ajudou. Beato Scalabrini, graças ao bom Deus, realizou o milagre!

Francesca Negretti



Queridíssima Irmã Giuliana, Maria Grazia me contou que você está coletando depoimentos sobre as orações feitas durante sua internação por Covid... Eu rezei com as Irmãs Scalabrinianas; éramos muitas durante a novena e eu tinha certeza de que a oração te dava força para enfrentar aqueles dias tão difíceis. Era uma forma de estar perto de você também fisicamente. Eu repetia frequentemente para mim mesma: “Não, não, a Irmã Giuliana precisa ficar aqui, ela tem muitas coisas para fazer!!”

Agradeço ao Bom Deus porque você ainda está entre nós, fazendo e levando o bem, mesmo com tantas dificuldades. OBRIGADA. Lembro-me de você com orações e muito carinho. Um abraço

Francesca Toniolo



Lembro-me da mensagem enviada ao grupo de leitores por Luisa Bisson, que dizia: “A Irmã Giuliana está muito mal, só um milagre pode salvá-la”... Minha resposta foi imediata: “Então, vamos todos juntos pedir esse milagre”. E foi um coro unânime de “sim”. Muitas pessoas se uniram em oração em suas famílias... e todos os dias, inclusive com a conexão das Irmãs Scalabrinianas para a novena ao Beato Scalabrini, todos rezavam. Eu sentia que havia uma forte comunhão entre o Céu e a terra. Era uma súplica em coro que subia a Deus pela intercessão de Maria e do Beato Scalabrini, tão amados por Giuliana.

Naqueles dias, lembrava-me especialmente de uma frase dita pela irmã Giuliana. Na primeira vez em que entrou na Casa Mãe de Piacenza, ela sentiu dentro de si estas palavras: “Esta é a sua casa”; sentiu-se acolhida e o Beato Scalabrini foi por ela sentido como “papai”. Então, pensando nisso, eu rezava para que ele próprio intercedesse junto a Deus por sua cura. Este é o meu testemunho, mas creio que todas as pessoas que conheceram a irmã Giuliana rezaram intensamente por sua cura, pois ela carrega em si o amor a Jesus e o transmite com sua luz, com sua oração iluminada e iluminadora, com a confiança e

a entrega a Ele.

A Irmã Giuliana é um dom de Deus para sua Congregação e para quem a encontra; ela faz tudo o que Deus lhe pede e também Deus, por intercessão do Beato João Batista Scalabrini, disse SIM.

Obrigada, Irmã Giuliana, porque, com sua vida, você nos faz vivenciar o amor de Deus por nós.

Maria Grazia Toniolo



Piacenza, 11 de janeiro de

2022

Era 9 de abril de 2020, uma Quinta-feira Santa muito estranha, aquela em que soubemos da internação da Irmã Giuliana e de sua mãe por causa da Covid; em um instante, nossos corações mergulharam na angústia e na escuridão por essa amiga única para cada um de nós e pelo medo terrível de perdê-la, mas, ao mesmo tempo, todos fomos tomados por uma Força Inexplicável, a de nos unirmos em oração, como sempre havíamos feito com ela em todas as ocasiões, com suas orações favoritas a Maria, que desata os nós, e ao Beato Scalabrini.

Assim, na espontaneidade de nossos corações, durante toda a Sexta-feira Santa e o Sábado Santo, realizamos nosso Tríduo por ela, como Maria aos pés da Cruz, até que, no dia 11 de abril, dia de Páscoa, recebemos o apelo da irmã Milva para a recitação diária, às 15h30, da Novena ao Beato Scalabrini, o momento mais sublime de nossa oração em Unidade. Todos os dias da Semana da Divina Misericórdia nos reunimos em torno de nossa amiga, suplicando ao mais abençoado entre os bem-aventurados, e já às 18h05 do sábado após a Páscoa uma luz se acendeu em nossos corações quando Anna nos escreveu: “A irmã Giuliana está melhor” e, a partir daí, continuamos nossa súplica até que aconteceu o milagre de sua cura completa, exatamente o que pedíamos ao Senhor!

Maria Grazia Rapaccioli



Queridíssima Irmã Giuliana, louvado seja Jesus e Maria, como você está? Como está indo sua missão? Tenho certeza de que você está bem, pois sabe como ser útil e fazer com que todos a amem. Agradeço-lhe do fundo do coração por ter me ensinado a rezar ao Espírito Santo. Eu O invoco frequentemente por todas as necessidades, especialmente para que nos conceda santas vocações sacerdotais e religiosas.

Quando recebi a notícia de que você estava com covid-19, chorei, mas depois disse: “A Irmã Giuliana precisa que eu reze a Jesus, a Maria e ao Espírito Santo para que iluminem os médicos sobre como tratá-la”.

Nós, oito mulheres, nos reunimos e decidimos nos encontrar todos os domingos à tarde para rezar o Santo Rosário por você, para que a Mãe Maria, Nossa Senhora da Saúde, intercedesse pela sua saúde e lhe concedesse a cura. Todos os dias, também recitávamos as Laudes e as Vésperas para dedicá-las a você, que estava sofrendo. Jesus e Maria estavam ali, ao lado do seu leito, pedindo pela sua cura, e nós confiávamos na ajuda deles!

Obrigada, querida Irmã Giuliana, pela escola de espiritualidade que você nos proporcionou. Somos muito gratas a você.

Envio-lhe um abraço caloroso, votos de boa saúde e uma grande missão!

Nós te amamos muito, louvados sejam Jesus e Maria. Um grande beijo.

Maria Pia Corradin

As mulheres que se reuniram são: Laura Turato, Gabriella Gardelin, Lina Ferro, Rosalina Tecchio, Maria Zambello, Cinzia Bonato, Maria Rosa Doro, Maria Pia Corradin.



No ano de 2020, descobrimos que estávamos sendo assolados por um vírus que se espalhou rapidamente por todo o mundo, tornando-se assim uma pandemia. Eu vivia aqueles dias, como tantas outras pessoas, confusa e com muito medo, pois, no que diz respeito à Itália, houve um número enorme de mortes causadas por esse vírus desconhecido. Lembro-me como se fosse agora: fui informada de que minha querida amiga, a Irmã Giuliana Bosini, havia sido internada e intubada na UTI, pois também havia sido atacada por esse vírus agressivo. Lembro-me de estar desesperada e meu primeiro instinto foi este: eu estava em casa, estendi a mão direita e levantei a voz para que a Irmã Giuliana me ouvisse — e eu tinha certeza de que ela estava me ouvindo — e disse estas palavras: “Irmã Giuliana, sei que você me ouve, me dê a mão, não desista e lute, por favor”. Continuei assim por um bom tempo e depois comecei a rezar; rezava sem parar. Não passava um dia sequer sem me dirigir ao Jesus Misericordioso. Participava todos os dias — e repito, todos os dias — das orações que as irmãs de Irmã Giuliana, em Piacenza, dedicavam a ela e a todas as pessoas doentes de covid. Lembro-me de que negligenciava minha vida pessoal e me dedicava intensamente a rezar para que a Irmã Giuliana voltasse à sua vida e para nós, amigos e parentes.

Lembro-me também de que costumava escrever no perfil dela no WhatsApp, mas um dia, enquanto escrevia, percebi que ela estava online; surpresa e quase incrédula, esperei pela mensagem. Era ela, que já estava melhor, e me dizia que havia sentido minha presença e minha mão apertando forte a dela, quando estava na UTI. Chorei de alegria e quase não acreditei no que estava lendo. O Senhor me ouviu e atendeu às minhas inúmeras súplicas. Nunca deixei de agradecer a Ele todos os dias, e todos os dias a Irmã Giuliana está nas minhas orações, sempre e para sempre.

Maria Rosaria



Era 9 de abril de 2020 quando soube que nossa querida Irmã Giuliana, que havia voltado a Piacenza para cuidar da mãe, havia contraído a Covid e, por isso, fora internada no hospital e intubada. Senti que me faltava o fôlego, desorientada e aterrorizada com a ideia de que talvez não a visse mais.

As irmãs de Piacenza organizaram, em seu auxílio, uma novena de oração ao nosso Beato Scalabrini. Todos os dias eu rezava a novena e todos os dias enviava uma mensagem para o celular da Irmã Giuliana, esperando por uma resposta dela. Para minha surpresa, no dia 19 de abril, foi ela mesma quem me respondeu com uma mensagem de esperança: ela não estava mais entubada. Eu exultei de alegria, não parecia verdade, minhas orações tinham surtido efeito: um milagre de cura!

Adoro a Irmã Giuliana e ela merece todo o bem, pois está sempre disponível para todos, e Deus sabe disso.

Vida longa à nossa querida Irmã Giuliana, com carinho

Mariella, de Como



O poder da oração

Era abril de 2020. Já fazia alguns meses que ouvíamos na televisão sobre a difícil situação que a Itália estava enfrentando por causa da Covid. Fiquei sabendo que a Irmã Giuliana teve que viajar às pressas para a Itália, mais precisamente para Piacenza. Isso me preocupou muito, pois Piacenza era uma das cidades com mais casos de Covid na Itália. Depois de uma semana ou talvez duas, não me lembro com precisão, recebi uma mensagem do padre Arthur, que me disse que a irmã Giuliana estava doente. Ela também havia contraído a Covid e a situação era bastante grave. Comecei imediatamente a enviar mensagens para o celular da irmã Giuliana, pedindo a quem as lesse que me desse notícias dela. Não tive nenhuma resposta. Liguei para a casa-mãe em Piacenza; atendeu-me uma freira muito gentil, que me disse que, por motivos de privacidade, não poderia me dar informações. No entanto, ela me passou o número de telefone da casa em Ludwigsburg e falei com a Irmã Marta, que me pediu para rezar pela Irmã Giuliana.

Rezar era a única coisa que podíamos fazer naquele momento. Junto com meu filho Antonio, que também era muito ligado à Irmã Giuliana, assim como eu, decidimos rezar o Santo Rosário todas as noites em um canto do quarto, sentados na cama. Acendemos uma vela diante de uma miniatura da gruta de Lourdes. Começamos a rezar. Não me lembro por quantas noites rezamos o Santo Rosário. O que me lembro muito bem é da intensidade e da convicção com que rezamos. Pela primeira vez, me vi rezando pela vida de alguém. O que mais me confortou foi a certeza de que aquelas orações não seriam em vão. Alguém lá em cima, no céu, certamente estava nos ouvindo.

À Irmã Giuliana, com carinho.

Anna Maria e Antonio



Giuliana havia chegado à enfermaria com uma pneumonia bilateral causada pelo coronavírus. Ela não estava assustada, estava serena e tranquila. Quase imediatamente descobri que ela era freira, morava em uma comunidade religiosa na Alemanha e havia voltado à Itália para cuidar da mãe e do irmão, também acometidos por uma pneumonia viral. Poucos dias após a chegada, ela também adoeceu e já havia recebido tratamento fora do hospital com medicamentos e oxigênio, mas seu quadro havia piorado, tornando-se necessária a internação.

Mas, mesmo após a chegada à enfermaria, seu estado continuava a piorar; os fluxos cada vez maiores de oxigênio administrados já não eram suficientes, assim como a máscara para ventilação com pressão positiva. A saturação de oxigênio no sangue caía cada vez mais, então fomos obrigados a chamar a equipe de reanimação para intubá-la.

Antes de fazê-lo, comuniquei-lhe a situação, mas a expressão em seu rosto permanecia sempre serena, sempre em paz com Deus. Certamente ela compreendia a gravidade da situação, mas acredito que sua fé a tornava pronta para tudo. Assim, vi-a partir, com o medo – o meu medo – de não vê-la mais. Mas a luz, sempre presente em seu rosto, em seus olhos, essa eu não esquecerei.

Dra. Silvana Mazzoni



Testemunho sobre a cura da Irmã Giuliana Bosini

A Irmã Giuliana Bosini é minha mãe espiritual. Ela o é desde a minha juventude, quando nos conhecemos no âmbito paroquial da cidade de Presina, na província de Pádua, onde as Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu Scalabrinianas prestavam serviço há anos. Ela se tornou minha mãe espiritual, de uma forma mais consciente para mim, apoiando-me ao atravessar as alegrias e dificuldades da minha trajetória de vida, mesmo estando fisicamente distantes.

Ela é tão importante para mim quanto para meu marido Franco, e esse vínculo é profundamente sentido também por meus pais, por muitos de nossos amigos e por tantos membros de nossa comunidade paroquial. A relação que se estabeleceu com a Irmã Giuliana baseia-se na partilha dos valores da fé cristã: a confiança em Deus Pai, a amizade com Jesus, o ensinamento da Palavra, a crença no Espírito Santo que atua concretamente na vida das pessoas. Com ela, compartilhamos a importância do testemunho da fé no serviço ao próximo, a cada pessoa, com quem devemos nos relacionar como irmãos no espírito evangélico, tal como inspirado pelo padre fundador de sua Congregação, Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini.

Receber a notícia, no Sábado Santo de abril de 2020, durante a pandemia e em pleno confinamento, sobre o contágio e a gravidade da doença da Irmã Giuliana foi para mim um duro golpe, repleto de preocupação, medo e impotência. De maneira muito evidente, isso me fez perceber a importância de sua presença na minha vida e o valor inestimável de sua pessoa para sua missão missionária e humanitária.

Não restava senão rezar e acreditar intensamente no que a Irmã Giuliana nos havia transmitido: a certeza da proximidade

do Senhor, a entrega à Sua vontade e a eficácia da intercessão de Maria e dos Santos por nós. Junto com o Franco, aceitamos o convite das irmãs para rezar em comunhão, dando início à novena ao Beato Scalabrini e divulgando, ao maior número possível de pessoas, o apelo para que se unissem em oração.

Todos os dias permanecemos fiéis ao compromisso da novena compartilhada on-line, acreditando firmemente que estávamos sendo ouvidos pelo Padre Fundador e procurando enviar força à Irmã Giuliana. Sentir-nos unidos na oração nos dava coragem para enfrentar o curso de sua doença e esperança por uma possível melhora, até que, terminada a novena, após o Domingo de Páscoa, as notícias dos médicos começaram a trazer um lampejo de positividade e, em seguida, uma luz cada vez maior, como a que se vê ao sair de um túnel, que se espalhou de casa em casa em nossa comunidade e que nos permitiu vislumbrar o fim do perigo e, finalmente, o caminho da cura.

A primeira mensagem recebida no celular pela Irmã Giuliana foi para nós como um raio de alegria, uma celebração pelo dom precioso de sua vida: eu e Franco nos sentimos surpresos e imensamente gratos ao Senhor e ao Padre Scalabrini por terem atendido às nossas preces!

Monica Lidia Busatta

PARÓQUIA DE PRESINA

Piazzola Sul Brenta (Pádua), 22/01/2022



Meu nome é Antonia Toniolo. Conheci a irmã Giuliana Bosini há muitos anos, quando ela chegou à creche Sagrado Coração de Jesus, em Presina, uma pequena vila na província de Pádua; ela era uma pessoa especial que, com seu sorriso e sua doçura, conquistou a mim e à minha filha Silvia.

Nossa relação foi de amizade e respeito. Ela me ajudou a crescer na fé e a confiar tudo a Jesus. A distância não nos separou, pois estamos sempre unidas na oração.

Quando, em março de 2020, soubemos que nossa querida Irmã Giuliana havia adoecido gravemente com covid, nos pediram para rezar ao Beato Scalabrini. Minha filha Silvia e eu começamos imediatamente a novena e a oração do Santo Rosário.

Todos os dias, com fé e confiança, confiamos sua cura ao Coração Imaculado de Maria e ao Beato Scalabrini. Muitas pessoas rezaram por ela, inclusive membros da nossa comunidade.

Quando finalmente nos comunicaram a cura, louvamos e agradecemos pela graça recebida. Estávamos certas de que, pela intercessão do Beato Scalabrini, Deus teria atendido às nossas orações.

Antonia Toniolo, Silvia Tecchio



Em abril de 2020, no auge da pandemia da Covid-19, o mundo parecia adormecido. Tudo inspirava melancolia, tristeza e medo. Para não nos deixarmos levar pelo medo e pela angústia, a oração era uma força e uma luz em meio à incerteza; assim, aprendemos a perceber que esse tempo era também um momento favorável e um tempo de graça, como no Getsêmani, para vigiar com o Senhor. A Quaresma assumia todo o seu significado; era preciso entrar no deserto com o Senhor. Parecia mesmo que estávamos no deserto.

Cheguei a Piacenza no dia 4 de abril de 2020; o ambiente da casa provincial era indescritível: uma estranha calma reinava por toda parte. A Ir. Carmelina estava muito angustiada, não parava de dizer que tinha medo, porque não via ninguém por perto.

Fomos atingidas como um raio com a notícia de que a Ir. Giuliana havia sido internada por causa da Covid, e tudo começou a piorar rapidamente.

Dois dias após sua internação, nos informaram que ela seria intubada. Já desde o primeiro dia, começamos a oração “Novena” no Beato Scalabrini. Meu pensamento naquele momento foi:

“Nossa ajuda está no nome do Senhor”.

Início da corrente mundial de oração: comuniquei nossa iniciativa a todas as pessoas que conhecia na França, algumas das quais conheciam a Irmã Giuliana porque, durante os anos de missão na França, haviam passado por Piacenza.

Annie da Villiers também chamou um padre que lidera um grupo carismático no Congo. Entre orações e missas, estávamos todas unidas para pedir essa graça ao Senhor. Estávamos convencidas de que, quando nos unimos para suplicar ao Senhor por algo, Ele nos concede.

Invocávamos incessantemente nosso beato Fundador;

todos os dias, às 14h, éramos fiéis ao compromisso da novena ao vivo no jardim da casa provincial, diante da estátua da Nossa Senhora de Lourdes. Ela não poderia nos negar essa graça.

Nossa oração continuou mesmo durante os diversos compromissos em prol das irmãs.

Certa noite, eu estava de plantão na enfermaria, sem conseguir acalmar a Ir. Lorenza, que queria sair; a certa altura, disse à Ir. Lorenza: “Agora vamos rezar pela Ir. Giuliana, você sabe que ela está doente e precisa da nossa oração”. Sim, a Ir. Lorenza se acalmou e rezamos. Assim eu fazia com as irmãs da enfermaria; mesmo que algumas talvez não me ouvissem, pedia a elas também que rezassem.

Sim, acredito no poder da oração. Não podemos nos cansar de orar, pois Deus é nosso Pai e ouve o clamor de nós, seus filhos. Nosso Fundador nos deu a prova de que, do céu, Ele apresenta nossas necessidades nas mãos de Maria Santíssima ao Pai.

Acrescento estas palavras do Papa Francisco no Angelus de 9 de janeiro de 2022, dia do Batismo do Senhor: “Rezar é a maneira de deixar Deus agir em nós”. Deus quer se comunicar conosco sempre, também e sobretudo nas situações mais difíceis, porque deseja dar a cada um a força para seguir em frente.

«A oração nos ajuda porque nos une a Deus; nos abre ao encontro com Ele».

Irmã Thérèse Mushiyva

A Irmã Giuliana e eu somos parentes distantes, mas, independentemente desse laço não tão estreito entre nós, o que sempre me uniu a ela é a própria pessoa da Irmã Giuliana e tudo o que ela representa em todos os aspectos da minha vida ou, melhor ainda, na vida de toda a minha família. Trinta anos de convivência, em um contínuo aprofundamento, ao longo dos quais a Irmã Giuliana sempre esteve amorosamente ao meu lado sempre que minha existência me colocou diante dos inevitáveis grandes obstáculos. Com ela, meu marido Abramo e eu rezamos com fervor e, nela e em sua fé inabalável, conseguimos encontrar as forças necessárias para enfrentar as provações para, então, podermos seguir em frente da melhor maneira possível.

Em 17 de março de 2020, em plena pandemia, a Irmã Giuliana me enviou uma mensagem que eu nunca teria querido ler, na qual me comunicava o falecimento de seu primo, Dom Giorgio, uma figura eclesialística de enorme importância para toda a Comunidade e também uma poderosa Luz Espiritual de referência.

O rio da dor estava prestes a transbordar novamente; de fato, alguns dias depois, a Irmã Giuliana, que naquele momento se encontrava em Stuttgart, me ligou para me comunicar mais uma notícia dolorosa: seu irmão Marco havia sido internado no Hospital Civil de Piacenza em estado crítico, devido a dificuldades respiratórias. O que antes teria sido uma questão de distância facilmente superável, a ser resolvida com uma viagem, tornou-se, ao contrário, naquela situação de pandemia, em que tudo estava paralisado, para a Irmã Giuliana, um obstáculo comparável a esvaziar o mar com uma colherinha.

Foi aí que meu marido, Abramo, entrou em cena e, a partir daquele momento, assumiu o controle da situação do ponto de vista burocrático, para garantir que a Irmã Giuliana pudesse, apesar de

restrições, chegar o mais rápido possível até seu irmão e ficar ao lado dele.

Naquela situação tão absurda quanto caótica e delicada, não foi nada fácil lidar com toda a burocracia dos diversos países a serem atravessados, mas nossa fé nos sustentou e conseguimos fazer com que a Irmã Giuliana chegasse a Piacenza, não sem termos sido ajudados do Alto, por aquele que já havia se tornado o Anjo da Guarda de todos nós: Dom Giorgio Bosini.

Tudo está bem quando acaba bem? Talvez, mas, no fundo, deve haver pressupostos de fé, sem “se” nem “mas”. Minha família, toda reunida, rezou fervorosamente, mas isso não significa que essas súplicas tenham sido melhor acolhidas no Céu justamente porque estavam ligadas aos verdadeiros sentidos da amizade, da solidariedade e da fraternidade.

Stefania, Abramo, Samuele e Federico



Dói demais lembrar daqueles dias: o som das sirenes dia e noite, o medo do contágio, o isolamento em casa sem poder nos aproximar das pessoas mais queridas, os abraços negados, as internações na UTI de amigos muito queridos e, às vezes, a morte deles, os funerais não celebrados... Quando você enviou a mensagem informando-nos sobre sua internação na UTI, Irmã Giuliana, nos pareceu que o Deus bom e misericordioso não se importava nem um pouco com nossa angústia e nossa dor... “Senhor, por que nos abandonaste?” Eram essas as palavras que nosso coração gritava depois de rezarmos o Rosário da noite ao telefone, seguido da súplica à Bem-Aventurada Virgem de Campagna, escrita pelo Bispo Adriano Cevolotto.

“Maria, você precisa nos ajudar”. Foi isso que “ordenamos” à Nossa Senhora durante a peregrinação a pé de Albareto até o santuário da Madonna delle Genti, em Strà.

O milagre da tua cura trouxe um pouco de alívio a todas essas sensações e sentimentos. O Senhor revelou mais uma vez a grandeza do seu amor, acolhendo e atendendo às nossas orações.

Marisa e Elisabetta



Queridíssima Irmã Giuliana, o que dizer... quando soube que você havia contraído a Covid e que a situação era grave, comecei a rezar imediatamente. Digo isso de todo o coração; depois, a notícia se espalhou por toda a cidade porque, quando você esteve aqui em Presina, deixou uma boa lembrança. Entrei imediatamente em contato com a Casa Mãe de Piacenza, encontrei uma irmã muito gentil e, por meio dela, soube que todos os dias, às 15h30, elas se reuniam na capela para rezar ao Beato Scalabrini, pedindo que intercedesse pela sua cura. Assim, recebi a novena pelo WhatsApp e, todos os dias, me conectava com elas e rezava. Depois, pedi ao grupo de oração onde vou às terças-feiras que se juntasse a nós; assim, todos juntos, tínhamos mais força — foi uma corrente de orações. Às pessoas que encontrava e sabia que te conheciam, pedia uma oração; na missa vespertina dos dias úteis, rezávamos para que Jesus intercedesse por você; ia até a sua mãe e rezávamos a Ave-Maria juntas, sempre por você.

A cada dois ou três dias, ligava para Piacenza para ter notícias, mas você continuava grave, até que, um belo dia, ouvi dizer que havia melhoras. Aleluia ao Senhor, Aleluia! Poucos dias depois, quando você estava prestes a se recuperar, soube que sua mãe havia falecido — mais uma grande dor para você. Eu disse: “Mas, Senhor, por que isso?” E sempre te tinha em mente e rezava para que superasses também essa dor. Várias vezes, quando podia e tinha um tempinho, ficava em silêncio e pedia ao Beato Scalabrini: “Você a quis como sua filha, salve-a desse vírus terrível!” E implorava junto com Jesus e Maria. Mas, por fim, Ele te respondeu; foi maravilhoso quando você olhava para o crucifixo aos pés da cama do quarto e o invocava. Certamente Ele te ouviu, no Seu tempo. Você foi um grande testemunho de fé. Ele poderia ter deixado você partir assim...? Não, querida, você ainda tem muito a oferecer e a fazer; louvor e glória a Jesus, a Maria e ao Beato Scalabrini por terem formado uma pessoa tão especial.

Mirella Florio



Todos os dias, na mesma hora, muitos de seus amigos, conectados no Facebook junto com as Irmãs Missionárias Scalabrinianas, nos uníamos em oração para pedir a Deus, por intercessão do Beato João Batista Scalabrini, a sua cura, pois sua jornada em prol dos mais fracos havia apenas começado e todos nós ainda precisávamos do nosso anjo sempre sorridente. À noite, então, entrávamos em contato com a Irmã Milva para ter notícias suas do hospital. Obrigada, Senhor, por nos ter ouvido!

Gianna Guglielmetti e Maestro Gabriele Barbieri



Abril de 2020, Ludwigsburg... Preocupação e sofrimento. Durante a Quaresma, nossa irmã, a Irmã Giuliana Bosini, recebeu a notícia de que sua família está com febre devido ao coronavírus. De fato, seu irmão Marco está no hospital de Piacenza, internado por pneumonia bilateral com graves dificuldades respiratórias. Também sua esposa, Fabrizia, está com febre alta e se recuperando em isolamento em casa. A mãe idosa da Irmã Giuliana, Angela, precisa de cuidados e assistência, e nessas condições é difícil poder ajudá-la.

A Irmã Giuliana, preocupada com a situação familiar, pensa em ir até a família, em Piacenza, e decide viajar de carro para se reunir com a mãe, o irmão e a cunhada. Ela passa alguns dias ajudando os familiares.

Infelizmente, a Irmã Giuliana começa a sentir tosse, febre e dor de cabeça, assim como sua mãe, Ângela. Os médicos decidem internar a senhora Ângela no hospital de Castel San Giovanni devido à gravidade de seu quadro. Quando a mãe está na maca, ela estende a mão em direção à filha e a aperta com força, sinal de que sente que seu fim está próximo.

Pouco depois, os médicos percebem que o estado de saúde da Irmã Giuliana está piorando e decidem interná-la, mas o quadro de saúde dela agrava-se a cada dia, a ponto de precisarem intubá-la. A Irmã Armanda e eu ligamos todas as noites para a cunhada, que tem muitos conhecimentos na área médica, para saber notícias. Fabrizia já é uma de nós; com muita gentileza e profissionalismo, ela nos mantém informadas sobre a saúde da Irmã Giuliana e consegue nos dar esperança, mesmo que nossa Superiora Provincial confirme que o estado de saúde da Irmã Giuliana é muito grave!

As pessoas de suas comunidades nos ligam chorando e rezando pela Irmã Giuliana; até mesmo os padres estão preocupados e incrédulos. São muitas as pessoas que pensam na Irmã Giuliana e rezam intensamente por ela. A Irmã Armanda e eu

entramos em contato pela internet com as pessoas das comunidades aqui na Alemanha e rezamos a coroa ao “Jesus Misericordioso”; logo em seguida, todas se unem à comunidade de Piacenza, que está rezando a novena ao Beato João Batista Scalabrini pela cura da Irmã Giuliana. A novena é animada pela superiora provincial, Irmã Milva Caro.

Nossa Superiora Geral, Ir. Neusa, nos liga diariamente, nos dá força e nos encoraja; ela também mobilizou todas as irmãs da Congregação para rezarem pela Irmã Giuliana; ficamos sabendo que em quase todo o mundo estão rezando por ela.

Um dia terrível, recebo um telefonema da Superiora Provincial que me comunica: “A Irmã Giuliana está morrendo!” Não quero dizer nada à Irmã Armanda, mas sinto um impulso espontâneo de colocar as mãos no rosto para não ver mais nada e choro tanto que a Irmã Armanda, ao ver as lágrimas escorrendo por entre meus dedos, me abraça para me consolar.

Alguns dias depois, chegam as primeiras notícias animadoras: a Irmã Giuliana começa a melhorar. Nosso coração começa a respirar de novo! A Irmã Giuliana melhora cada vez mais e, finalmente, no dia 23 de abril, ela nos liga; podemos ouvir sua voz. Quando ouvi a voz da Irmã Giuliana, gritei bem alto: “Irmã Giuliana, Irmã Giuliana!!” Abracei a Irmã Armanda, cheia de alegria, e começamos imediatamente a compartilhar nossa alegria com a Madre Geral e com todos os fiéis que rezaram pela Giuliana.

Considero que tenha sido um verdadeiro milagre.

Irmã Marta Baggio
Piacenza, 11/01/2022

Quem espera no Senhor não fica desapontado. É impossível, parece um sonho, é difícil de acreditar.

A doença da Ir. Giuliana foi um momento de dura provação para todos e o início de um sofrimento. Nossa querida irmã, a Ir. Giuliana, parte de Ludwigsburg rumo à casa de sua família após saber que seu irmão e sua cunhada contraíram covid. Ela pensa em sua mãe, tão frágil devido à idade, e parte de carro para poder ajudar. É um momento difícil para todos nós; a preocupação com sua viagem, pois ela está sozinha, e ainda mais com a situação da pandemia, nos leva à oração. Mas ela parte com confiança, pede e confia em nossa oração, e nós a fazemos de verdade.

É um momento emocionante para nós aqui e também para os familiares, pois é a primeira vez que ela faz a viagem daqui até a Itália dirigindo sozinha, ainda mais com a cabeça cheia de pensamentos e preocupações pelos familiares, levando em conta que, quando se fala do vírus, trata-se da primeira onda, que não tem nada a ver com o vírus atual.

A Itália está de joelhos e fala-se de internações, unidades de terapia intensiva e muitas mortes, infelizmente; todos têm conhecidos e parentes que morreram ou estão em risco de vida; até mesmo um primo da Irmã Giuliana, que era padre, faleceu justamente naqueles dias.

Da nossa parte, estamos em adoração contínua. O bom é quando sabemos que ela chegou; ficamos tranquilos porque tudo correu bem, mas não sabíamos o que a vida nos reservaria em poucos dias. Rezamos, rezamos, rezamos sem parar e oferecemos... afinal, estamos na Quaresma. Mantemos contato com a Ir. Giuliana todos os dias por telefone ou mensagem de texto para saber como está a situação. Ir.

Giuliana nos informa que sua mãe está internada e, naturalmente, a preocupação aumenta.

A própria Ir. Giuliana também apresenta sintomas da Covid; as últimas ligações nos informam que ela está com tosse, depois febre, depois que precisa ser internada e fala em oxigênio. Depois, pela Ir. Milva, Superiora Provincial, ficamos sabendo da pior notícia: infelizmente, a Ir. Giuliana está na UTI, seu estado é grave, ela está entre a vida e a morte. Com a Ir. Marta, começamos a rezar, a oferecer e a sofrer também com lágrimas, mas, graças a Deus, não nos sentimos sozinhas. Sentimos muita saudade da Ir. Giuliana e as notícias da Superiora Provincial são preocupantes.

Estamos passando por um momento de dura provação, mas lembro que a Ir. Giuliana nos deixou o número de telefone de sua casa na Itália (graças a Deus!). Digo à Ir. Marta: “Tenho uma ideia, gostaria de ligar para a cunhada da Ir. Giuliana, a Sra. Fabrizia” (que Deus a abençoe, uma mulher muito atenciosa, sempre muito positiva e cheia de esperança). E foi assim mesmo: ela nos diz que poderá nos passar todos os dias as notícias recebidas diretamente dos médicos! Nos sentimos aliviadas porque compartilhamos a mesma dor e nos sentimos muito apoiadas por ela, assim como ela nos diz que se sente apoiada por nós. Agradecemos sempre muito à Fabrizia, que encerra cada ligação com esta frase: “esperamos que as duas voltem para casa, bem e logo”.

A Fabrizia é um ótimo ponto de referência; temos nossos horários fixos para conversas por telefone. É muito doloroso saber que a Ir. Giuliana está intubada e em coma farmacológico e, além disso, ver a Ir. Marta sofrer tanto; tudo isso é insuportável para a minha sensibilidade, mas confiamos muito na oração e no apoio das pessoas.

Além da Fabrizia, o apoio diário vem da Superiora Geral, Ir. Neusa, cheia de fé, cheia de esperança, que dedica a nós seu precioso tempo, nos liga regularmente, nos consola e cita passagens bíblicas para nos convidar a ser como a mulher que tocou o manto de Jesus. Ela acrescenta: “Nós também somos chamadas a tocar o manto de Jesus para a cura

da nossa querida irmã, Ir. Giuliana. Rezemos com fé. Mantendo-nos na esperança de nos reencontrarmos logo entre nós com ela.” Agradecemos-lhe muito, do fundo do coração, por todo o apoio recebido.

Foi muito bonito ver como, durante a doença da Ir. Giuliana, fomos acompanhadas e testemunhamos uma união incrível: pessoas de nossas missões, irmãs de toda a Congregação, familiares, leigos scalabrinianos, as três famílias scalabrinianas. Não faltaram a oração e a proximidade de nossos familiares por meio de ligações, mensagens de texto e e-mails. Até mesmo o Sr. Reif, da Diocese de Rottenburg, expressou sua proximidade conosco por meio de um belo e-mail encorajador. Por meio das redes sociais, como Facebook, Skype, WhatsApp etc., estávamos conectadas diariamente com os cinco continentes. São momentos em que somos chamadas a fortalecer a fé, a demonstrar nossa fé; estamos na cruz da dor (também liturgicamente, estávamos na Semana Santa). Oramos, adoramos, oferecemos em conexão online com as pessoas: algumas rezam a Novena, outras o Terço da Divina Misericórdia, todas unidas por um único propósito. Além da Divina Misericórdia, há quem deseje rezar o Santo Rosário diariamente; além disso, na Província, nossa Superiora Provincial, Milva Caro, faz a novena ao nosso Fundador, o Beato Scalabrini. Nesse momento, vemos a Irmã Giuliana como um ímã; ela se torna motivo de intensa oração; estamos conectadas em 760; lembro-me desse número porque todas as manhãs participava da Santa Missa celebrada pelo Papa na TV e dizia comigo mesma: falta pouco para chegar ao número de participantes da Missa do Papa Francisco em todo o mundo.

Sentimos uma grande proximidade das pessoas que ligam, que choram, que nos trazem mantimentos, que estão preocupadas e sofrem como nós, à espera de notícias. O grande consolo para nós está em Deus e nas irmãs da família, nosso povo que nunca nos deixa sozinhas. São momentos em que percebemos a fraqueza de nossa fé, mas não desistimos: há a Adoração Eu-

todos os dias em nossa casa e os grupos de oração on-line estão sempre ativos.

Em determinado momento, não me sinto muito bem, sinto um aperto no peito e sugiro à Ir. Marta que eu vá descansar depois do almoço, porque não quero dizer a ela que estou mal, e ela aceita. Adormeço e, depois de três ou quatro minutos, tenho um sonho: vejo a Ir. Giuliana lá embaixo, no pátio, e digo a ela: “Ir. Giuliana, minha mãe, você chegou, que alegria!” E vou ao encontro dela para abraçá-la com uma grande saudade. Há emoção entre nós duas; nos separa um portão transparente que vai da terra até o céu e, enquanto estou prestes a me aproximar dela e abraçá-la, ela grita bem alto: “Nãoooooooo, não passe por aqui, por favor, não faça isso, Armanda.” Eu digo a ela: “Só um abraço”, mas ela responde: “Eu vou passar por ali, sou eu quem vai te dar o abraço”. Nesse momento, surge uma porta estreita pela qual a Irmã Giuliana passa e vem até mim.

Digo comigo mesma: “Mas isso é impossível, deve ser só um sonho”, e acordo desapontada porque percebo que foi realmente só um sonho, e que ela está em coma. Esse sonho, porém, me trouxe a esperança de que a Irmã Giuliana passaria da morte para a vida. Naquela noite, a cunhada dela nos disse que, segundo o médico, ela estava reagindo muito bem ao tratamento e que nenhum paciente, até aquele momento, havia reagido de forma tão imediata e positiva ao tratamento. Deus seja louvado!!!

As esperanças aumentam nossa alegria porque, graças a Deus, recebemos notícias positivas diariamente. Sempre nos sentimos bem informadas e muito consoladas pela família da Ir. Giuliana, por sua cunhada, com as notícias diárias, e pela Madre Geral, que nos acompanhou o tempo todo. Agradecemos de coração a ambas, assim como às Irmãs da Província.

Elas nos ligavam de manhã à noite para saber como estávamos e se precisávamos de alguma coisa. Os padres de nossas comunidades celebraram missas especialmente pela Ir.

Giuliana e faziam questão de se manter informados sobre sua situação. Algumas mulheres não se deixaram impedir pelo fechamento das igrejas e foram rezar, chorando, do lado de fora da porta da igreja.

Deus nos atendeu, Deus demonstrou Sua misericórdia e o poder de Seu braço.

Foi difícil, porque, no começo, a doença parecia algo sem importância, mas depois evoluiu muito rapidamente.

A Palavra nos consola: **“Não morrerei, continuarei viva e anunciarei as obras do Senhor”**.

Irmã Armanda Alijaj



Para todos nós, aquele período foi um tempo de grande sofrimento.

O milagre, para mim, aconteceu por intercessão do Beato G. B. Scalabrini. Ele não poderia deixar de nos ouvir! Somos poucas e frágeis em quase todas as comunidades. Eu tinha certeza de que nosso Pai Fundador também nos ajudaria. Falei assim com Scalabrini: “Ponha a mão na massa se quiser que o carisma continue; todas as forças que amam este serviço são necessárias.”

Irmã Giuliana, você estava em nossos pensamentos dia e noite! Tentávamos mobilizar Scalabrini porque precisamos de forças, fé, amor e disponibilidade. Amamos esse serviço; se estamos aqui, sentimos que temos um grande chamado, mas também há dificuldades em um carisma tão exigente. Nosso carisma deve continuar; rezamos muito, muito pelas vocações que amem o carisma com os migrantes, pelos migrantes. Amamos esse carisma e estamos sempre dispostas a compreender também as fragilidades deles, a fim de protegê-los, pois todos temos nossas fraquezas. O tema das vocações é muito importante, sobretudo para nós na Europa. A pandemia afastou muitos voluntários; precisamos encontrar uma maneira de superar esses medos e o pessimismo. Que o Senhor nos ajude a criar novos laços de confiança e de força entre nós.

Acho que contribui para arrancar sua vida das garras da morte por meio da intercessão do Beato Scalabrini. Todos os dias você estava em nossas orações: fiéis ao Rosário ao vivo de Lourdes, a oferta do sacrifício do dia e a novena ao Beato Scalabrini com a Ir. Milva e as Irmãs da Província.

Irmã Marina Milani



Tudo começou quando a Covid-19 se espalhou pelo mundo inteiro: tanto medo, tantas pessoas morrendo, tanta gente desesperada.

Era o mês de abril de 2020 quando a Ir. Armanda me escreveu e me disse que, infelizmente, a Ir. Giuliana havia contraído a Covid e estava muito mal, tão mal que somente as orações poderiam salvá-la, e me pediu que nos reuníssemos todos para rezar.

Lembro que comecei a chorar muito, tanto que não conseguia parar; então disse a mim mesma que, em vez de chorar, era melhor rezar. Lembro que liguei para minhas irmãs e meus pais para rezarem comigo.

Oramos muito; depois, junto com meu marido e meus filhos, Sharon e Bryan, rezamos o Rosário e oramos muito, muito mesmo, e eu disse: “Meu Deus, por favor, cure a Irmã Giuliana, porque precisamos muito dela; ela é uma pessoa boa, sempre pronta para ajudar os outros.”

Eu rezava sempre pela Irmã Giuliana e, aos poucos, ela começou a melhorar.

Eu sempre digo: rezem, rezem, rezem, porque o Senhor ouve nossas orações. Bem-aventurado quem crê e reza.

Donika Di Vincenzo



Meu nome é Giovanna Meyle, quero compartilhar com vocês meu testemunho de que a oração traz cura, quando oramos com o coração.

Deixo este testemunho: quando a Irmã Giuliana estava doente, todos nós estávamos em oração; sentíamos realmente o quanto o Senhor estava fazendo pela nossa Irmã Giuliana, que há muito tempo estava intubada por causa da Covid.

Muitas pessoas gravemente doentes, como a Irmã Giuliana, faleceram; ao contrário, nossa Irmã Giuliana está novamente entre nós. Somente a oração a salvou, pois o Senhor nos diz: “Pedi e vos será dado.”

Queridos irmãos e irmãs, a maior arma é a oração, que cura tanto na doença física quanto na espiritual; por isso, em nossa vida, nunca devemos abandonar a oração. Ela nos faz alegrar-nos em nosso Senhor, pois Ele está conosco todos os dias de nossa vida.

Obrigado, Jesus; obrigado, Espírito Santo; obrigado, Deus Pai; obrigado, Maria, que intercede por nós. Mãe celestial, reze por nós.

Giovanna Meyle



Querida Irmã Giuliana, desde que você me pediu para falar sobre aqueles dias, não faço outra coisa senão pensar e repensar em como colocar no papel o que aconteceu dentro de mim e ao meu redor; não é fácil, mas vou tentar. Confio em Jesus Misericordioso e em Maria, para que me ajudem a tornar tangível essa nossa experiência, visível através do coração e da fé de quem ler sobre ela — uma experiência maravilhosa quando vista com os olhos da fé, mas dolorosa do ponto de vista humano.

No dia 10 ou 11 de abril de 2020, não me lembro exatamente, chegou de repente a terrível notícia de que você havia sido internada por Covid no hospital de Piacenza e que seu estado não era dos melhores. A primeira coisa que fiz foi ligar imediatamente para a Casa na Alemanha, na esperança de receber notícias melhores do que as que haviam chegado pouco antes; em vez disso, infelizmente, confirmaram que seu estado era muito preocupante, a ponto de, na noite do dia 11, eu saber que você havia sido intubada; foi nesse momento que realmente temi perdê-la!! Eu teria corrido aos pés do meu Jesus Misericordioso, ou melhor, do Nosso Querido Jesus, onde nós duas estivemos, aquele Jesus a cujos pés corro frequentemente nos momentos difíceis, aquele Jesus que sempre me ouviu e, mesmo que não tenha podido me poupar das dificuldades, me deu muita, muita força para enfrentá-las e superá-las com Ele ao meu lado. E eu não pude fazer isso porque a Covid nos obrigava a ficar trancadas em casa, mas ninguém podia nos afastar da oração.

E a oração tornou-se nossa arma. A partir daquele dia, o encontro com Jesus às 15h, durante a recitação do terço com as Irmãs Clarissas de Imola, era para mim um momento realmente intenso. Durante a oração que fazia de olhos fechados, eu me via aos pés da sua cama enquanto apertava sua mão; você dormia, para que sentisse minha presença, para dizer: “Estou aqui perto de você, mesmo que você não me ouça!!” E, enquanto isso, eu estava ajoelhada...

Ed

ao lado da sua cama, sempre via Jesus Misericordioso acima de você, atrás da sua cama, olhando para você, e Nossa Senhora à sua esquerda; e essas imagens eram sempre as mesmas toda vez que eu rezava por você. Sentia que eles não te abandonavam, estavam ali ao seu lado. Logo depois, entrava em contato pelo Facebook com as irmãs scalabrinianas de Piacenza, que rezavam por você, e com todas as irmãs da Ordem; à noite, acompanhava o Santo Rosário com o cardeal Comastri.

As horas pareciam não passar nunca; as notícias chegavam sempre tarde da noite, e só o fato de saber que você não estava piorando já era uma graça!! No dia 13 de abril, finalmente chegou uma notícia positiva: você não estava mais com febre e estava respondendo aos tratamentos; era a segunda-feira de Páscoa. Começava a semana da novena da Misericórdia; daí a poucos dias seria a Festa da Misericórdia. Sua Via Crucis estava prestes a terminar, eu sentia isso; você acordaria justamente nos dias em que aquele Papa que você tanto amava havia comemorado sua ascensão, e assim foi!!!

Lembro-me de que, certo dia, durante uma transmissão ao vivo com a Casa de Piacenza, a câmera focou a estátua da Madonnina que fica no jardim, linda, cercada de verde; como eu queria que chegasse uma resposta àquelas mensagens que eu te escrevia, mesmo sabendo que você ainda estava intubada! Mas eu precisava escrever para você porque não aguentava saber que você estava naquela cama e eu aqui sem poder fazer nada, sem saber como você estava naquele momento. E então, olhando bem para a estátua, tive um sobressalto: ali, em meio a tanto verde, inesperadamente — no dia anterior não estava lá e eu tinha certeza disso —, lá estava uma rosa, uma única rosa!!!! O sinal!! Sua rosa! Foi ali que percebi que você voltaria e, naquele mesmo dia, chegou a notícia de que você havia acordado. Era meia-noite do dia 16 de abril quando recebi a mensagem e, a partir daquele momento, aos poucos, seu estado continuou melhorando. Você estava finalmente fora de perigo.

Todos os dias, a Santa Missa às 19h, transmitida ao vivo pela

Igreja de São José Operário, nos proporcionava o encontro espiritual com a Eucaristia, e nunca perderíamos esse compromisso. Foram momentos realmente difíceis pelo que acontecia ao nosso redor; muitas pessoas morriam de covid, muitas sofriam, estávamos todos assustados, mas uma coisa maravilhosa levaremos sempre dentro de nós: a solidão que conduzia à paz interior, à proximidade com Jesus e Maria como nunca havíamos sentido antes. Apesar de tudo o que acontecia ao nosso redor; o fato de vivermos momentos de oração sem outras distrações, sem ansiedades, às vezes até supérfluas, que o cotidiano, ao contrário, nos faz vivenciar. Um abraço carinhoso, querida Irmã Giuliana, e agradeço a Deus até hoje por ter deixado você conosco.

Marisa e Mario



Meu testemunho a respeito da cura da Irmã Giuliana.

Estamos rodeados de graças e milagres; infelizmente, não conseguimos mais ouvir, em nosso inconsciente, o que nos é inspirado.

O ritmo frenético do dia a dia e o materialismo nos afastam cada vez mais da fonte de onde brotam graças e milagres.

A Irmã Giuliana é a religiosa que se entrega ao próximo, repito, ao próximo. Não sabemos com precisão quem a tenha contagiado, mas uma coisa é certa: dedicar-se aos outros em qualquer circunstância faz parte de sua vida, assim como o sorriso que está sempre presente em cada encontro e em qualquer ocasião.

Do milagre de sua cura podemos extrair exemplos de fé; quem acompanhou, mesmo à distância, os dias de sofrimento da Irmã Giuliana, sabe que sua fé e a oração devota de tantas pessoas a salvaram.

Franco Di Bari



Como o movimento LMS viveu a
doença da Ir. Giuliana Bosini MSCS
e rezou por sua cura

Tempos difíceis, tempos de Covid-19... Estávamos naquele já distante março de 2020, quando todos estávamos confinados em casa, mais ou menos assustados, aguardando o boletim de mortes que, pontualmente, chegava todos os dias anunciando quantos mortos e quantos infectados haviam.

Um verdadeiro boletim de guerra que cada um de nós, pelas redes sociais, pelo rádio e pela televisão, acompanhava para contar os mortos e ouvir as notícias dramáticas que chegavam dos pronto-socorros e das unidades de terapia intensiva, que já não conseguiam dar conta de todas as necessidades e solicitações, fazendo com que as pessoas morressem amontoadas nos corredores dos pronto-socorros de todos os hospitais. Entre todas essas histórias dramáticas que afetaram, de uma forma ou de outra, todas as famílias — e que me faziam lembrar muito a época do Êxodo e das pragas do Egito —, no dia 8 de março de 2020, recebi uma mensagem da Madre Geral MSCS que dizia:

Queridas Irmãs, em comunhão com as conselheiras e a secretaria geral, com a Ir. Milva Caro e o conselho, peço que nos unamos em orações pelas nossas Irmãs que residem em Piacenza. E suplicemos ao nosso Fundador, o Beato João Batista Scalabrini, que, junto a Deus, interceda por todo o povo desta amada cidade de Piacenza, tão querida ao nosso patrimônio carismático e ao nosso coração de Irmãs Missionárias Scalabrinianas. Que a universidade de nossa oração se transforme em força, coragem, apoio e solidariedade para com nossas queridas e

destemidas Irmãs que, apesar de tudo, nos transmitem um exemplo de fé, confiança e esperança em Deus neste momento sombrio, de incertezas e de tanto sofrimento. Sintamo-nos, portanto, uma congregação.

Ir. Neusa de Fátima Mariano

Com o comentário: como você está? Estamos com três irmãs hospitalizadas: Ir. Onorina, Ir. Ângela e Ir. Gelinda, esta em estado muito grave.

Os dias passam e algumas irmãs falecem.

No dia 10 de abril, recebo uma mensagem sucinta, mas cheia de drama, sempre da Madre Geral: agora vamos formar uma corrente de oração pela Ir. Giuliana, que está no hospital e em estado muito grave.

“Não, Senhor, já basta; você já levou três irmãs e uma está no hospital lutando, com pouca esperança de se recuperar. Agora você quer levar também a Ir. Giuliana? Não, essa não! Precisamos dela, precisamos que ela continue aqui entre nós sua missão entre os migrantes e que anime, apoie e acompanhe também todos nós, leigos do LMS, que trabalhamos ao lado das irmãs na pastoral entre os migrantes”.

Seguindo também o conselho da Madre, enviei a Pablo Klin Carlotto, responsável pela comunicação do MLMS, esta mensagem para que ele a divulgasse em todo o Movimento.

[20:10, 10/4/2020] Giuse: Estou escrevendo uma notícia que acabei de receber, muito triste e grave. Você vai recebê-la daqui a pouco

[20:11, 10/4/2020] Giuse: Depois de uma notícia boa, vem uma grave: a Ir. Giuliana, depois de ter cuidado de toda a sua família por causa do coronavírus, foi internada ontem à noite e hoje chegou a ser intubada, encontrando-se na UTI do hospital de Piacenza. Peço que formemos uma corrente de orações e que cada um, em sua casa, comece uma novena ao Beato Scala-brini para que ele interceda junto a Deus por sua rápida recuperação. Falei com a Madre Irmã Neusa e foi ela quem sugeriu

essa novena. Então, vamos lá, unamos-nos em um único coro e imploremos por sua recuperação. Que esta Páscoa da Ressurreição seja para ela uma Páscoa de rápida recuperação.
Giuseppe

[20:11, 10/4/2020] Giuse: Se puder, faça uma tradução para a coordenação geral e vamos rezar.

Em poucos minutos recebo a resposta:

Esta postagem é imediatamente divulgada a todos os coordenadores dos grupos LMS em todo o mundo e, por meio dos coordenadores, a todos os Núcleos e, portanto, a todo o Movimento. A Novena, que ocorre regularmente todos os dias na Casa Provincial de Piazzetta San Savino, em Piacenza, é divulgada em todo o mundo.

[12h10, 11/4/2020] Giuse: Às 15h30, ao vivo no Facebook das Scalabrinianas da Europa... Novena ao Beato Scalabrini pela cura da Ir. Giuliana Bosini, freira missionária de São Carlos Borromeo – Scalabriniana, acometida pelo coronavírus e que, neste momento, luta pela vida na unidade de terapia intensiva.

<https://scalabriniane.eu/chi-siamo/momenti-di-preghiera/> para baixar o arquivo da oração

[12h12, 11/4/2020] Giuse: Pablo, bom dia e bom Sábado Santo. Compartilhei o arquivo acima com a coordenação geral. Se você quiser fazer a tradução para o português... Obrigado

Durante a novena, sempre que recebo notícias, as divulgo por meio do Pablo para todo o Movimento.

12 de abril Pablo Klin, amigo, mantenha-nos sempre informados sobre ela

Sim, quando tiver notícias, te aviso.

Boletim médico: situação estável, continuamos a rezar.

14 de abril: Informo a situação de hoje da Ir. Giuliana. Não mudou nada desde ontem, ela está estável. Tenha uma boa noite

15 de abril Últimas notícias sobre a Ir. Giuliana.

Ela está melhorando; amanhã devem começar, aos poucos, a retirar a ventilação para ver como ela respira por conta própria. É um primeiro sinal positivo, mas ela ainda não está fora de perigo. Continuemos com a oração e a novena das 15h30 no Facebook “Scalabriniane Europa”.

16 de abril Boa noite a todas, recebemos o novo boletim médico sobre a Ir. Giuliana. Hoje ela foi despertada do coma farmacológico e reagiu e colaborou aos estímulos. Ela ainda está conectada ao ventilador, mas, em alguns momentos, é estimulada a colaborar na respiração junto com o aparelho. Durante a noite, porém, para que ela descanse, a respiração é totalmente assumida pelo aparelho. Nos próximos dois dias, tentaremos torná-la cada vez mais autônoma na respiração. Dependendo de como ela conseguir respirar por conta própria, serão decididos os próximos passos a serem dados rumo à recuperação lenta, mas constante. Demos graças a Deus por essas notícias encorajadoras. Continuemos com nossa oração para que a Ir. Giuliana seja ajudada nesse grande esforço de recuperação. Boa noite a todas.

Pablo: Continuamos em oração

17 de abril: [19h57, 17/4/2020] Giuse: Comunicado noturno sobre o estado de saúde da Ir. Giuliana. Ela continua melhorando, mas ainda vai demorar muito tempo. Talvez amanhã ou depois de amanhã retirem a intubação. Continuemos rezando.

Pablo Klin: Sempre em oração. Entregando-a nas mãos de Deus.

[19h50, 18/4/2020] Giuse: A Irmã Giuliana foi extubada e amanhã sairá da UTI. Sua mãe permanece estável

[19:51, 18/4/2020] Pablo Klin: Muito obrigado, amigo... continuamos em oração.

[21:02, 20/4/2020] Giuse: Boa noite. Últimas notícias sobre o estado de saúde da Irmã Giuliana: no geral, ela está razoavelmente bem. Respira por conta própria, embora com a ajuda de oxigênio. Se tudo continuar assim, ela será transferida em breve da UTI para a enfermaria. A cunhada conseguiu falar com ela e disse que foi difícil. Mas estamos no caminho certo. Continuemos a acompanhá-la com nossas orações.

[21:45, 20/4/2020] Pablo Klin: Muito obrigado, amigo. Continuamos em oração. O bom Deus acolherá nossas preces.

[21:01, 21/4/2020] Giuse: [De Milva] Queridíssimas irmãs, recebi às 18h20 esta mensagem maravilhosa da Ir. Giuliana. Repasso-a a vocês e não acrescento nada além da alegria que sinto e do convite para continuarmos a rezar. Demos graças a Deus!!!

[21:01, 21/4/2020] [Mensagem da Ir. Giuliana] Queridíssima Irmã Milva, agradeço a você, a todas as irmãs e aos leigos pela oração que recebi por mim e pela minha família. Desde ontem à noite estou no pronto-socorro, mas parece que a cada dia estou melhor. Mande um abraço a todos, todos, todos.

[21:12, 21/4/2020] Pablo Klin: Amigo Giuseppe. Fico imenfeliz. Agradeço pelas suas mensagens! Um grande abraço.

[14:23, 23/4/2020] Giuse: Ontem, a Ir. Milva enviou esta mensagem sobre a saúde da Ir. Giuliana

[14:23, 23/4/2020] Giuse: Queridíssimas irmãs, esta manhã tive a oportunidade de conversar com a Ir. Giuliana. Ela está realmente bem, apesar de sua situação ainda ser muito difícil. Pudemos conversar para compartilhar um pouco da experiência vivida nestes últimos dias. Ela está imensamente grata a todos pelas orações, não conseguia acreditar nas

minhas histórias sobre a corrente de oração e ambas ficamos emocionadas com essa força de comunhão na oração, no espírito da congregação. Peço que não liguem para ela, mas podem enviar mensagens; ela, quando se sentir melhor e puder, responderá a vocês. Vamos deixá-la seguir seu caminho de convalescença, que ainda é longo. Continuamos rezando por ela e pelos médicos, que também pediram a ela que os ajudasse com nossas orações. E faremos isso com prazer e com amor. Tenham um bom dia, todas vocês.

[14:23, 23/4/2020] Giuse: Hoje enviei, em nome de todo o Movimento LMS, esta mensagem à Ir. Giuliana.

[14:23, 23/4/2020] Giuse: Queridíssima Ir. Giuliana, em nome de todo o Movimento LMS e em meu nome pessoal, quero expressar nossa solidariedade e nosso apoio neste momento de grande sofrimento para você e para sua mãe. Temos rezado muito e continuamos a fazê-lo junto com toda a Congregação MSCS e todos os seus amigos e conhecidos espalhados pelo mundo. Agradecemos junto com você ao Senhor e desejamos uma rápida recuperação da saúde e um pronto retorno entre nós e à sua missão. Um grande abraço de todos nós. Até breve. Giuseppe.

[14:27, 23/4/2020] Pablo Klin: Obrigado, Giuseppe. Vamos continuar em oração. Que o bom Deus nos abençoe e nos proteja de todo o mal.

[20:15, 24/4/2020] Giuse: Giuliana está bem, melhorando a cada dia que passa; reduziram ainda mais o oxigênio, 80% do pulmão já se recuperou e estão fazendo com que ela faça um pouco de fisioterapia.

[20:18, 24/4/2020] Pablo Klin: MUITO OBRIGADO, AMIGO. As boas notícias
boas ressoam em nosso ser e louvamos e agradecemos ao bom Deus.

[15:11, 26/4/2020] Giuse: [da Ir. Milva] Bom domingo a todas! Informo que o médico comunicou que a Ir. Giuliana está fora de perigo. Assim que houver uma vaga, ela será transferida para o hospital de Castel San Giovanni, onde continuará seu tratamento e convalescença. Continuamos com nossas orações e sempre convido a adotar comportamentos que protejam a própria vida e a dos outros. Um carinho especial a todas. Ir. Milva

[15:11, 26/4/2020] Giuse: Feliz domingo com essa boa notícia. Muito obrigado a todos.

[15:11, 26/4/2020] Giuse: Feliz domingo com Jesus caminhando conosco.

[18:54, 26/4/2020] Pablo Klin: Giuseppe... bom final de domingo! Agradeço por nos manter a par do progresso na recuperação da saúde da Irmã Giuliana. O bom Deus tem atendido às nossas orações! Quando conversar com ela, transmita nossa mensagem de unidade! Nossas orações por todos que estão enfrentando com consciência esses tempos em que estamos sendo desafiados na fé, na esperança e na caridade. Um abraço de gratidão e estima!

[18:44, 27/4/2020] Giuse: Caríssimos e caríssimas, a Irmã Giuliana continua melhorando, mas sua mãe não resistiu e partiu para o céu. Rezemos por sua alma. Esta noite, em nome de todo o Movimento LMS, enviarei as condolências à Irmã Giuliana, assegurando-lhe nossas orações ao Senhor.

Anexo a mensagem da Ir. Milva.

[18:44, 27/4/2020] Giuse: Queridas irmãs, acabei de falar com a Ir. Giuliana, que foi transferida para o hospital de Castel San Giovanni, onde continua sua convalescença. Ela está bem e manda um abraço a todos, agradecendo infinitamente pelo grande apoio em oração. Ela agradece ainda mais agora, pois sabe que a força da oração de todas

de nós e, do Céu, a de sua mãe Angela — que nesta manhã encontrou o Senhor da vida —, a ajudarão a viver este momento na fé e na esperança de que tudo se completa em Deus. Ela me pediu para lhes contar que, no dia 26 de maio de 2018, dia da beatificação da Ir. Leonella, sua mãe segurou sua mão e lhe disse: “Você vai me acompanhar quando chegar a hora?” Claro! “E você me promete que não vai chorar?” Claro!

[18:47, 27/4/2020] Pablo Klina: Amigo, reze por mim à Ir. Giuliana... que o bom Deus a acolha e que ela interceda por nós e, especialmente, para que Giuliana recupere a saúde!

[19:34, 27/4/2020] Giuse: Queridíssima Ir. Giuliana, todo o Movimento LMS está ao seu lado neste momento de grande dor pessoal por causa da doença, mas sobretudo porque sua mãe não conseguiu vencer a doença e o Senhor a chamou para a alegria da vida eterna. Asseguramos-lhe nossa oração pela alma dela, por você e por toda a sua família, para que o Senhor os ajude a superar a dor da separação. Um grande e fraterno abraço de todos nós.

[19:35, 27/4/2020] Giuse: Caríssimo Pablo, enviei esta mensagem à Ir. Giuliana em nome de todo o Movimento LMS

[19:51, 27/4/2020] Giuse: A Ir. Giuliana respondeu à mensagem de condolências pela sua mãe e agradece a todos. Ela diz que, quando estiver melhor, fará isso pessoalmente.

[20:07, 27/4/2020] Pablo Klin: Agradeço

[23:14, 2/5/2020] Giuse: Caríssimos e caríssimas, transmito a mensagem que ela me enviou esta noite para todos e para cada membro do Movimento LMS. Agora ela está se recuperando bem e o uso de oxigênio passou de 12 atmosferas, no início, para 1.

[23:14, 2/5/2020] Giuse: Caríssimos do LMS, o período da minha doença me fez sentir de forma particularmente forte a vossa proximidade! As mensagens compartilhadas, o dom de tantas orações deram-

verdadeiramente comovido o céu. Agora estou melhor e compreendo o quanto somos preciosos aos olhos de Deus. Suas orações e sua unidade me deram força e coragem para seguir em frente, para lutar nos momentos difíceis; quero dizer a vocês: obrigada, obrigada, obrigada! Um abraço afetuoso a todos. Agora me sinto novamente pronta para anunciar as maravilhas que o Senhor fez por mim, por nós. Que Deus os abençoe muito.

[23:18, 2/5/2020] Giuse: Caríssimo amigo, enviei ao grupo de coordenação a mensagem da Ir. Giuliana; se você achar oportuno, pode fazer um resumo em português para aqueles que não entendem italiano. Obrigado pela sua disponibilidade sempre grande.

[23:20, 2/5/2020] Pablo Klin: Ok, amigo... vou fazer isso logo. Agradeço pelas mensagens. Obrigado por ter feito essa ponte entre nós. Que o bom Deus sempre o abençoe!

[23:24, 2/5/2020] Giuse: Obrigado por tudo a você.

No dia 2 de maio, Pablo prepara esta mensagem para todo o movimento,

[23:30, 2/5/2020] Pablo Klin: Amigo, veja se pode ser assim:

[23:30, 2/5/2020] Pablo Klin: “Caro LMS, minha doença fez com que nossa proximidade se tornasse particularmente forte! As mensagens compartilhadas e tantas orações realmente mudaram o céu. Estou melhor agora e compreendo o quanto somos preciosos aos olhos de Deus. Suas orações e união me deram força e coragem para continuar lutando nos momentos difíceis. Quero dizer obrigada, obrigada, obrigada! Um abraço afetuoso a todos. Agora me sinto pronta para anunciar novamente as maravilhas que o Senhor fez por mim, por nós. Que Deus abençoe muito cada um de vocês!”

No dia 2 de maio, foi enviada a todo o movimento a conclusão e o agradecimento a todos pela cura

Pablo Klin: Muito feliz em ver... Fiquei emocionado... Um presente maravilhoso no dia de Scalabrini.

[15:09, 1/6/2020] Giuse: Olá, querido amigo, como você vê, ainda estamos vivos. Celebramos juntos a Eucaristia e almoçamos juntos para festejar em honra do Beato Scalabrini e agradecemos a ele pela cura da Ir. Giuliana também em nome de todo o Movimento.

Esta é a história vivida pelo Movimento LMS ao pedir a cura da Ir. Giuliana MSCS.

Movimento Leigos Missionários Scalabrinianos
Relato da Ação de Oração pela Saúde
da Irmã Giuliana Bosini

Vivemos dias de intensas orações pela saúde da Ir. Giuliana Bosini – mscs. Ela, em várias ocasiões, foi Assistente do Grupo São José.

Ficamos sabendo, por meio do Coordenador do Grupo São José, Giuseppe Morsia, que a Irmã Giuliana Bosini estava enfrentando a luta para superar a infecção por Covid-19.

A Irmã Lina e a Irmã Neusa Mariano, Superiora Geral, também nos alertaram sobre o estado de saúde da Irmã Giuliana. Frequentemente, também recebíamos informações por meio da Irmã Milva Caro.

Então, incentivamos, nas redes sociais, os grupos e núcleos do Movimento a entrarmos em estado de oração, colocando nas mãos de Deus a vida da Ir. Giuliana Bosini.

Páginas do Facebook, grupo do Movimento no Facebook, diferentes grupos no WhatsApp (grupos e núcleos do Movimento). Também foram convidados colaboradores e cooperadores a rezarem conosco.

Foram diversos momentos de oração, pedindo a intercessão dos Beatos Scalabrini e Assunta Marchetti, do Venerável Servo de Deus Padre

José Marchetti. Colocamos a vida de Giuliana Bosini nas mãos de Deus e pedimos à Divina Providência que lhe concedesse saúde.

Quando soubemos da recuperação da saúde da Ir. Giuliana Bosini, imediatamente expressamos nossa gratidão a todos os meios pela unidade estabelecida nas orações.

O bom Deus nos proporcionou um grande momento de uni-

através das orações. Ficamos felizes em perceber que, também por meio da oração, podemos ser um Movimento capaz de interceder junto a Deus em benefício das pessoas que dão testemunho de vida e fé em prol dos migrantes e refugiados.

Difícilmente esquecerei o que vivemos em Piacenza, em nossa casa provincial, naquele mês em que estivemos lá; eu era aspirante, tinha chegado há pouco de Roma.

É claro que eu tinha medo; eu não era freira, estava... em desvantagem, se assim se pode dizer... não entendia bem por que estava ali, mas, como em outros momentos da minha vida, eu sabia, sentia, intuía que precisava estar ali, que havia uma grande força que me impulsionava, que eu estava respondendo a algo ou a Alguém que me dizia no coração que o que eu estava fazendo era a coisa certa. Minhas irmãs na Argentina não aceitaram muito bem o fato de eu ter ido para Piacenza em plena pandemia de Covid, mas, graças à obra de Deus, com o passar dos dias elas se tranquilizaram.

O momento do encontro para rezar a novena era o momento de voltar o olhar para Deus, de fazer com que Ele ouvisse nossa voz e nosso lamento. Havia muito o que fazer durante o dia e o cansaço se acumulava; o encontro da tarde, creio eu, servia para nos lembrar por que estávamos ali, colocando até mesmo nossas vidas em risco: cada uma de nós estava ali por Deus; fazíamos tudo para cuidar das irmãs, é claro, mas quem nos havia levado a nos colocar à disposição e quem nos dava força era Ele; portanto, esse encontro servia também para reiterarmos umas às outras que estávamos ali porque alguém muito maior do que nós nos precedia.

Orávamos pela Irmã Giuliana, mas a oração era mais ampla: orávamos pelo fim do que o mundo estava vivendo, orávamos também por nós, para que o Senhor nos protegesse. Rezávamos a Scalabrini, e quando se reza ardentemente por uma intenção, com todo o coração, dá vontade de gritar para o céu: “Eu te ordeno que faças isso!”, dá vontade de exigir, se fosse possível, mas a oração, como naqueles dias, é um exercício contínuo de submissão, de humildade, de aceitação da vontade de

Deus, mesmo que com relutância... E, por outro lado, arrancar a Irmã Giuliana da morte foi uma grande vitória, pois significava que aquele monstro que nos aterrorizava não era invencível, que então tínhamos esperança, todas nós, todos nós.

Uma Quaresma inesquecível; passamos a Semana Santa encarnando a paixão de Jesus; muitas vezes parecia que Deus se esquecera de nós, do mundo inteiro. Em alguns dias, o desânimo tomava conta de nós e, então, era preciso fazer um grande esforço para exorcizar os demônios do medo e da morte.

Tudo em nós era oração; estávamos a serviço das irmãs, cuidando delas em tudo o que era necessário, desde a cozinha até os cuidados médicos e de higiene, aguardando notícias sobre o estado de saúde da Irmã Giuliana.

Hoje em dia, lembro-me quase com melancolia daquele meio mês passado em Piacenza; foi muito edificante para mim, sobretudo pela comunhão entre nós cinco que estávamos na casa provincial cuidando de tudo o que precisava ser feito; foi muito importante para minha trajetória ser testemunha da comunhão que pode surgir entre mulheres, irmãs, muito diferentes entre si, mas com um mesmo ideal, tendo Jesus como modelo, a serviço do próximo, em um cenário que se tornava cada vez mais incerto, até que, finalmente, no Dia da Misericórdia, chegou uma certeza: a certeza do Seu amor, com a alta da Irmã Giuliana. Recuperamos forças, a esperança voltou, tínhamos derrotado o inimigo!

Monica Tozzi



“Senhor, desça, antes que meu filho morra.” Jesus respondeu: “Vá, seu filho está vivo.”

Partindo dessa passagem do Evangelho, releio minha experiência com a Irmã Giuliana, uma amiga, uma companheira de jornada, uma irmã na fé.

A Irmã Giuliana e eu sempre nos apoiamos mutuamente, inclusive durante o período em que ela esteve doente — o que me fez lembrar das palavras de Jesus na passagem do Evangelho que citei.

Quando, por causa da Covid, há dois anos, em março de 2020, ela adoeceu gravemente e depois perdeu a mãe, comecei a lembrá-la com mais frequência em minhas orações. Eu sabia, sentia que o Senhor e Maria a ajudariam.

Assim como aquele homem da passagem do Evangelho acreditou na palavra de Jesus e partiu em viagem, voltou para casa e recebeu a notícia de que havia sido curado, da mesma forma, para a Irmã Giuliana, o retorno à saúde após a grave doença pulmonar causada pela Covid-19 ocorreu durante sua jornada, apenas percorrendo o caminho que Jesus lhe havia indicado, acreditando no poder da oração e na misericórdia do Senhor, mesmo quando as sombras pareciam prevalecer, como nos lembra o Beato Cardeal Newman.

Obrigado, Senhor, pela dádiva que nos concedeste, pelo tempo novo que nos deste, para refletir e orar, para ouvir e perdoar, para lembrar e agradecer, para amar.

Uma jornada, um sonho para todos.

Doriana



Eu e o Cristian somos católicos, mas nem sempre praticantes; em especial, antes da pandemia, já não rezávamos com muita frequência. Desde que minha mãe e, depois, também a tia Lina faleceram, não havia mais ninguém para nos lembrar de ir à missa ou que rezasse em casa e ouvisse a Rádio Maria. Minha família de origem era muito religiosa. A fé representou, tanto para meus pais quanto para minhas tias e tios, o caminho da vida; o exemplo de fé fica gravado em você e os testemunhos recebidos permanecem vivos, mesmo que pareça que você os tenha esquecido. A vida muitas vezes nos leva para longe; em meio às angústias, parece que a fé não serve para nada.

A grave doença de uma amiga freira, distante, mas muito querida, no contexto de uma pandemia que a medicina parecia incapaz de enfrentar, as tantas pessoas queridas que morreram de Covid — tudo isso levava a um sentimento de impotência. Recorrer ao Senhor por meio da oração era a única esperança.

As Irmãs Scalabrinianas, com quem mantínhamos contato diário para acompanhar as notícias médicas, haviam iniciado uma novena de oração, aberta a todos, no Facebook e, em meio à tristeza da situação, nós também participamos para ajudar a Irmã Giuliana e reencontrar a esperança.

Rezar nos fazia bem e nos sentíamos mais próximos dela; assim, começamos a informar outras pessoas, sempre no Facebook, sobre essa iniciativa e que poderíamos rezar juntos pela Irmã Giuliana.

De forma muito espontânea, muitas pessoas da província de Piacenza começaram a nos perguntar notícias sobre a saúde da Irmã Giuliana e informações sobre como se conectar para poder rezar; rezamos com fervor, todos juntos ao lado das Irmãs Scalabrinianas, com esperança, mesmo que as notícias vindas

do hospital não fossem boas. A cada dia, novos amigos se juntavam a nós e os encontros de oração virtual contavam com uma participação cada vez maior. Achávamos que devíamos respeitar essa oração comum e ter confiança.

Por fim, depois de muitos momentos difíceis, soubemos que a Irmã Giuliana estava começando a melhorar, primeiro levemente, depois de forma realmente significativa. Todos ficamos felizes e agradecemos ao Senhor.

Para mim e para o Cristian, era a primeira vez que fazíamos uma novena de oração pela internet, todos os dias, junto com tantas outras pessoas, com amor por uma amiga freira gravemente doente. Pensamos que, com a força da oração e a ajuda do Senhor, Giuliana sobreviveria; junto com os outros amigos, acreditamos na oração com força e sinceridade de coração.

Rezar todos os dias juntos era para nós um compromisso de honra e de fé; sentíamos que precisávamos estar presentes. A oração nos uniu e não foi mais apagada de nossa vida, pois pudemos constatar com nossos próprios olhos que nada enche mais o coração do que rezar a Deus todos juntos, com amor.

A oração é terapêutica, libertadora, aberta a todos; tira a solidão, faz com que você compartilhe a dor com os outros e mostra o caminho da esperança! Também no Facebook

Caterina Maggi, de Sarmato



Lembro-me muito bem: era a Sexta-feira Santa de 2020, eu estava dirigindo pela estrada em direção a Hoheneck para visitar um amigo, quando Concetta Tafuro me ligou e disse: “Tenho que te dar uma notícia ruim: a Irmã Giuliana está com covid e está muito, muito mal”.

A notícia me deixou abalada e percebi que precisava voltar imediatamente para casa para rezar e pedir que rezassem por você, porque a oração é a arma mais poderosa que temos, é o amor!

Recorri à Nossa Senhora de Fátima, de quem tenho uma imagem em casa, e comecei a rezar e a dirigir-me a Ela com confiança. “Você precisa salvá-la”.

Depois, liguei para o Fernando, um amigo do norte da Itália que coordena um grupo de oração, e para o padre Raffaele, um sacerdote da minha cidade na Calábria, para que rezasse junto com todos os moradores que te conheceram por ocasião da peregrinação da nossa Madonnina del Monte (Acquaformosa) a Ludwigsburg, em 2018.

Na noite da Sexta-feira Santa, entre 20h e 22h, estávamos conectados com o Fernando, em mais de oitocentas pessoas, para rezar por você.

A Nossa Senhora te salvou, querida Irmã Giuliana. Alguns dias depois, Concetta me ligou de novo para dizer que você dava sinais de melhora e hoje você está aqui conosco. Demos graças a Deus, que ouviu nossas orações.

Nicola Milione, de Ludwigsburg



Queridíssima Ir. Giuliana, no dia 5 de março de 2020 começou para mim um período muito doloroso e cansativo, mas, ao mesmo tempo, cheio de esperança. Justamente no dia 5 de março, toda a nossa família adoeceu ao mesmo tempo: um pesadelo! Solidão, medo, opressão, morte. Mas, a cada momento, hora e dia, eu não me resignava à ideia de que o vírus pudesse vencer. Se o Senhor estava nos fazendo passar por essa provação, devia haver um sentido. A vida, a luz, a ressurreição tinham que vencer as trevas da morte.

Sentia dentro de mim a força do Espírito Santo que me guiava a lutar, mas com uma entrega total ao Senhor. Lutar e entregar-se com confiança; viver encarnando a cada momento a Fé, a Esperança e a Caridade. Finalmente compreendi o que significa dar vida à Palavra.

Não podia me fechar na minha doença; precisava me doar, rezar, lutar por todos os meus entes queridos e, ao mesmo tempo, suplicar ao Senhor e ao Espírito Santo que me dessem forças para não sucumbir.

Assim que soube que você também estava internada, estive ao seu lado todos os dias com vários momentos de oração: a Santa Missa das sete da manhã na televisão, o Santo Rosário em grupo à tarde, a Coroa da Divina Misericórdia, o Rosário de Lourdes ao vivo. Cada momento era uma oração incessante por todos os meus entes queridos e por você. Não podendo estar fisicamente perto de cada um, invocava o Espírito Santo para que me transportasse espiritualmente ao lado de vocês. Visualizava o quarto do hospital, seus rostos, suas expressões e lutava para pedir a graça da cura. Sentia que, lutando juntos, venceríamos, e fui atendida.

Daniela



Diálogo entre o Pe. Ampelio,
reitor do Santuário de Rivergaro (Pc) e
da Ir. Giuliana

Queridíssimo Pe. Ampelio, tenho certeza de que, durante a pandemia, você intercedeu muito junto a Maria ali no esplêndido Santuário das Graças no Castelo de Rivergaro. Você pode me contar como viveu esse período?

Cheguei ao Castelo de Rivergaro no final de 2019; vim de Arco di Trento, onde era responsável pela comunidade dos Padres idosos. Cheguei no final de outubro e tive tempo para me adaptar, conhecer minhas atribuições pastorais, os padres com quem deveria colaborar e a região.

Então veio a pandemia, primeiro como um vento repentino, depois como um furacão. Fui testemunha da morte do padre Giovanni, que era o pároco de Rivergaro com quem eu colaborava. Fui chamado com urgência da sacristia dele. Eram 11 horas de domingo; ele já havia se vestido para celebrar a missa, mas não se sentia bem. Ele tirou as vestes litúrgicas e eu as vesti; usei seu cálice; ninguém imaginava que o mal-estar fosse causado pela Covid. Um mês depois, ele faleceu e eu celebrei seu funeral com o bispo, em 7 de março de 2020.

Os casos se multiplicavam em nossas cidades, em toda a Itália, no mundo. No período em que havia a proibição de celebrar em público, eu ia ao cemitério para dar a bênção aos falecidos e tinha muito poucos contatos — realmente um cenário pouco animador para um padre. Mas, graças também às reflexões que o Papa Francisco fazia em Santa Marta na missa das 7 da manhã

, percebi que a pandemia poderia não ser apenas uma desgraça, mas se tornar uma oportunidade. Percebi que tinha muito tempo para ler, para rezar, para refletir e para desfrutar das coisas que fazem bem à alma. Corri muitos riscos porque continuei indo visitar os doentes, abençoando os falecidos, mesmo que todos me dissessem para tomar cuidado, para não ser tão descuidado, mas experimentei a proximidade de Nossa Senhora, sentindo-me sempre protegido por Ela, que me poupou.

No que me diz respeito, consigo ver a pandemia como uma boa oportunidade, uma graça.

Como era a vida no Santuário?

Foram dois anos de vida solitária; até mesmo o padre Sisto Caccia, após o início da pandemia, deixou de vir almoçar comigo, porque seus médicos desaconselhavam isso, já que eu convivía com muitas pessoas e poderia facilmente transmitir a infecção a ele. Assim, vivi quase dois anos em grande solidão; nunca fui à comunidade em Piacenza, não visitei minha família e nem fui pregar os exercícios espirituais que já havia programado; fiquei sozinho, aqui, aos pés de Maria, e o fiz de bom grado.

Quando você soube da minha doença e por quem?

Fiquei sabendo imediatamente, porque a senhora Giovanna gosta muito de você e rezou muito por você, pela sua mãe e pelo irmão dela, Paolo, internado por covid em estado gravíssimo em Bolonha. Eu era informado de tudo por ela, que tem um enorme carinho por você. Ela vinha frequentemente ao Santuário e insistia para que rezássemos; assim, envolvemos todas as pessoas que vinham ao Santuário aos domingos, respeitando as devidas distâncias.

Nossa oração a Maria foi insistente e temos certeza de que Nossa Senhora fez milagres. Muitas pessoas se uniram a nós, por-

conhecia bem tanto você quanto o Paolo, e rezamos com muita devoção. Houve uma boa participação. Muitos me perguntavam por você e eu passava as notícias que recebia da Giovanna. No início, celebrávamos via streaming com o padre da Pieve: eu celebrava e ele operava os equipamentos; depois, tivemos a possibilidade de participar pessoalmente, mas durante todo o período da pandemia o Santuário permaneceu sempre aberto o dia inteiro, porque nessas ruelas as pessoas vinham sozinhas para passear.

Giovanna colocou uma linda foto do Paolo e sua diante da Nossa Senhora, e elas permaneceram lá o tempo todo, até a alta de vocês do hospital. Giovanna tem uma fé especial e quis que também sua mãe, que havia adoecido e estava internada no hospital de Bobbio, ao receber alta, fosse levada aos pés de Maria de ambulância. Eu abri as portas do Santuário, acendi as luzes e ela pôde voltar o olhar para Maria, sorrir e receber a bênção de grande consolo que a preparou para o céu.

Oramos muito com Giovanna, com Assunta e muitas outras mulheres, rezando o Rosário à noite, e vimos a mão de Nossa Senhora nas curas. Experimentei, nestes dois anos, tanta proximidade de Nossa Senhora também comigo, que tive mil oportunidades de contrair o vírus, mas não fiquei doente. Como você bem sabe, Maria está realmente próxima e nos ama.

Pe. Ampelio, CS,

Reitor do Santuário de Rivergaro, Piacenza

Diálogo entre a Ir. Etra e a Ir. Giuliana

Quando você chegou à nossa casa em Piacenza, a pandemia já havia sido reconhecida como tal e contida com medidas restritivas muito severas. Que dificuldades você encontrou para lidar com as inúmeras necessidades do convento?

A primeira dificuldade foi conscientizar as irmãs. Estávamos em um momento trágico e crítico, pois havia muita descrença entre as irmãs e, quando pedíamos que respeitassem as regras, havia quem literalmente desobedecesse.

A outra dificuldade imediata foi entender como poderíamos nos proteger, não tanto por medo, mas para continuarmos sendo úteis.

Éramos cinco e precisávamos fazer tudo, colocando cada uma no lugar certo de acordo com nossas capacidades, de modo a otimizar o dia inteiro, que começava às sete da manhã e terminava à noite, às vezes até depois da uma. Tínhamos que cuidar do almoço, da lavanderia, da desinfecção dos ambientes; não podíamos perder tempo. A organização dos recursos humanos e materiais que tínhamos à disposição também precisava ser gerenciada, e cada uma de nós tinha uma ideia diferente de como fazer isso. Mas então nos entrosamos: todas estávamos totalmente disponíveis, cientes de que poderíamos nos contagiar e morrer, mas esse medo nunca impediu nenhuma de nós. Havia medo, mas também confiança e alegria, porque estávamos realizando um serviço missionário na linha de frente. Estávamos lá com todo o nosso ser. Quando eu e a postulante Mônica partimos da comunidade, choramos.

Ao conversar com seus contatos, você teve a sensação de que, inicialmente, a desorientação dos fiéis foi semelhante à dos não fiéis?

Sim, havia desorientação também entre os fiéis. Muitas das pessoas, inclusive aquelas próximas a nós, com quem tenho intimidade, com quem trocamos reflexões e compartilhamos a fé, estavam desorientadas. A desorientação delas, de certa forma, tornou-se um obstáculo para mim, porque, em vez de me apoiarem e me encorajarem, me chamavam de louca.

– Você está fazendo uma loucura – diziam elas –, por que faz isso? Você não pode colocar sua vida em risco! –

Eu estava decepcionada. – Por que justamente você não entende? – eu me perguntava – Justamente você, que é cristã como eu? – Até mesmo as pessoas de fé estavam desorientadas, assustadas, perplexas; viviam aquele momento como quem não tem pontos de referência nem fé; a pergunta recorrente era: por que Deus não intervém?

Quando, na sua opinião, as reações começaram a se diferenciar?

As reações começaram a se diferenciar quando pedimos orações e quando tivemos as primeiras perdas entre as irmãs que não voltaram mais do hospital, com o seu caso, Ir. Giuliana, e com o da Ir. Onorina. Quando pedimos orações com fé, especialmente por você, foi como um choque; a novena intensa e a corrente de oração foram um choque. Ali houve um aperto mútuo, porque era preciso arrancar um milagre em um momento tão trágico. Onde a Covid-19 se alastrava, ali houve a grande mudança. Muitos perceberam isso também quando eu mandava fotos nossas tão serenas, com os olhos brilhando, sorrindo mesmo estando confinadas. Quando mandávamos essas fotos, as pessoas também nos mandavam um feedback positivo. Estávamos serenas, despreocupadas e tranquilas.

Como vocês preparavam essa novena tão interessante e seguida por tantas pessoas?

Tínhamos um roteiro já preparado pela Postulação Geral do Beato Scalabrini e, todos os dias, uma de nós, por vez, fazia a narração. Essa nossa preparação — concentrando-nos, dedicando nossa voz e nosso espírito e acreditando — fazia com que as palavras proferidas fossem convincentes.

Essa era a nossa forma de preparação: dez minutos antes do início, todas as atividades eram suspensas; nos reuníamos em um espaço diferente da casa; expúnhamos sempre a relíquia do Fundador e, com luvas, aventais e máscaras, preparávamos concretamente o ambiente. Depois, três minutos antes da conexão, criávamos o clima online com um pouco de música. Esse quarto de hora havia se tornado para nós como uma liturgia, como um rito. Assim, toda a comunidade das irmãs sabia que, qualquer que fosse o trabalho que estivéssemos realizando, entrávamos em comunhão com Ele. No momento marcado, estávamos presentes a Ir. Milva Caro, a Ir. Thérèse Mushiya, a Ir. Angelina Preci, a postulante Mônica Tozzi e eu. Sinceramente, não sei de onde tiramos forças para fazer tudo como se nada tivesse acontecido, com leveza. Eu faria tudo de novo imediatamente se houvesse outra oportunidade, eu faria.

Você acredita que a oração motivada pelo carinho por mim ou pelo medo e pela consternação tenha, mesmo assim, tido o efeito de reabrir os corações à oração como diálogo com o Pai?

Acredito que sim: o carinho por você, o fato de tantas pessoas te conhecerem — pessoas que, ao longo do tempo, haviam compartilhado algo com você e compreendido o quanto você era importante — sem dúvida fez com que elas se unissem na oração, mas acredito que pedir orações por uma pessoa concreta, em uma situação concreta que dizia respeito a todos, tenha desencadeado um retorno à oração. Naqueles dias da Novena feita por você, me impressionou a pontualidade das pessoas, que chegavam a se conectar no Facebook antes mesmo do horário marcado. O Facebook é

se tornou, para mim, uma catedral virtual. Todos chegavam cinco minutos antes, dirigiam-se ao local de oração, abstrato e concreto ao mesmo tempo. Um pouco por fé em Deus, um pouco pela certeza de que Deus poderia realizar um milagre, um pouco por estarem desesperados, elas reabriram o diálogo com Deus e o transformaram em um salmo vivo. Assim como os salmos refletem a situação do crente, cada uma na Novena expressou e viveu uma intenção, um sentimento, teve sua motivação para se agarrar à oração.

Uma coisa estava clara para todas: era preciso arrancar o milagre da sua cura. Estávamos tristes e consternadas porque algumas de nossas irmãs já haviam falecido; Deus não podia nos tirar você também, Ele tinha que devolvê-la para nós. Partimos realmente com a certeza de que obteríamos o milagre; pelo menos no meu coração era assim, eu não conseguia acreditar que você partiria por causa da Covid. E, além disso, conhecendo-te pessoalmente, eu tinha certeza de que você se entregaria ao Senhor e que Sua vontade se cumpriria, que seria a de te devolver para nós.

Lembro-me sempre de quando, no noviciado, estudamos o versículo do salmo: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória!” Pois é, a tua cura tinha que ser para Deus, para demonstrar ainda mais o quanto Deus é grande.

No sétimo dia da novena — lembro-me bem disso —, a doutora disse que você estava começando a mover as mãos; ainda não estava fora de perigo, mas já reagia! O sétimo dia... foi a consumação da nova criação da sua vida; o Senhor estava lhe dando a vida uma segunda vez.

Você tem exemplos de como esse valor da oração — que era negligenciado como obsoleto até mesmo pelos crentes antes da pandemia — continua vigente?

Sim, posso dizer que tenho pelo menos dois casos concretos de pessoas que, após a pandemia, em relação à oração, tiveram uma

conversão. Durante a pandemia, a oração era feita por desespero; agora, as pessoas se voltam para Deus porque experimentaram que Ele interveio. Uma pessoa me disse: “A pandemia me ensinou a ter paciência na oração”, outra me disse: “Foi longa a espera para ver o fruto. Por muito tempo vimos apenas mortes, parecia que a oração não surtia efeito, então aprendi a ter paciência; quando rezo, preciso ter paciência!”

Conversão na oração, portanto, de uma oração de desespero para uma oração confiante na escuta, e os frutos se fizeram visíveis: saímos do perigo, Deus nos libertou da armadilha do caçador! Acreditar na oração é libertador. Pelo menos duas pessoas me confirmaram isso.

O respeito às regras para cuidar de si mesmo e dos outros, a ajuda mútua nas necessidades diárias, o restabelecimento das relações, mesmo que apenas por telefone, foram o lado positivo dessa imensa desgraça; depois de mais de dois anos, o que resta de tudo isso?

Para mim, pessoalmente, ficou um sentimento de urgência: o que devo fazer pelas pessoas, quando preciso ajudá-las, encontrá-las, ouvi-las, estar ao lado delas, não vou mais adiar, porque a Covid foi uma serpente rápida demais. Portanto, quando preciso fazer o bem, devo fazê-lo hoje, imediatamente. De modo geral, porém, na minha opinião, aprendemos uma maneira diferente de estarmos próximos; nem sempre é necessário estar fisicamente presente, há uma forma de proximidade, de relacionamento que vai além da superficialidade de certos encontros. Chegamos mais ao cerne do encontro, à essência do encontro.

Sempre acredito no respeito às regras (distanciamento, máscaras, higiene etc.); na verdade, sou quase fanática por isso, porque percebi que isso nos ajudou a nos salvar mutuamente; por isso, aprendi que, quando há uma regra...

geral, é para o bem, não para o mal. As restrições não me incomodam mais, pois, dentro das regras, descobri a liberdade.

Você se sentiria à vontade para propor iniciativas para que o patrimônio de fé e solidariedade suscitado pela tragédia da pandemia não se perca rapidamente?

Para mim, foi realmente marcante fazer o que fizemos, mas não porque fomos boas; havia uma força dentro de nós que não vinha de nós mesmas, vinha de Deus.

O que eu proporia é viver experiências semelhantes quando houver necessidade na linha de frente, em situações de doença alheia, na condição de estar presente, de sujar as mãos de verdade, porque isso traz alegria e faz a gente crescer muito. Faz a gente experimentar o dom da vida pelos outros e sentir que Deus está conosco, não nos abandona na provação, não nos abandona

Diálogo entre a Superiora Geral, Irmã
Neusa de Fátima Mariano
e Irmã Giuliana M. Bosini

**Queridíssima Madre, gostaria de pedir que você contasse a
experiência vivida durante a minha doença**

Sinto uma grande emoção ao relatar essas experiências hoje, enquanto estou aqui em Ludwigsburg com vocês e volto no tempo; parece que as revivo ainda hoje. Era Sexta-feira Santa, estávamos todas reunidas como comunidade, conectadas para a oração de adoração da Santa Cruz, guiada pelo Santo Padre. Meu telefone tocou: era a Superiora Provincial da Província de São José, Ir. Milva Caro. Eu já acompanhava há algum tempo a evolução da sua doença, Irmã Giuliana, mas, naquele momento, as palavras da Provincial foram estas: “Madre, as notícias são realmente muito preocupantes; a saúde da Irmã Giuliana está comprometida; o quadro é muito grave, grave, grave, grave, e não há nada que possamos fazer.” E acrescentou: “Sabemos que precisamos nos preparar para uma notícia fatal, para uma notícia de morte.” Respondi: “Irmã Milva, tudo o que podemos fazer é rezar; vamos começar agora uma novena a Scalabrini em toda a Congregação, com a intenção da cura completa da Irmã Giuliana. Vamos começar imediatamente.”

Meu coração estava partido e eu tinha lágrimas nos olhos, mas tinha muita confiança. Passei a notícia às irmãs e nós, em comunidade, começamos a novena a Scalabrini. No mesmo dia, comuniquei a iniciativa a toda a Congregação,

entrando em contato com as Superiores Provinciais, a Superiora Delegada da Ásia, os coordenadores dos leigos e todos os contatos que eu tinha à disposição.

Fiquei realmente surpresa com a rapidez e a prontidão com que a corrente de oração se iniciou e com a forma como ela cresceu como um movimento em toda a Congregação. Lembro-me muito bem de que os leigos fizeram um belo cartaz para compartilhar na internet, e ele se espalhou entre todos os contatos, os Padres Scalabrinianos, amigos e colaboradores. Nos unimos em um único abraço com uma única intenção pela cura imediata da Irmã Giuliana. Enquanto estávamos em oração pela novena, começou a Semana Santa; o momento ainda era sombrio e cheio de incertezas quanto à sua cura, mas eu sentia cada vez mais que essa corrente de oração, de missas, de intenções de oração e do Rosário estava crescendo (as irmãs sabiam que você era muito devota à Nossa Senhora e rezavam o Rosário, mas sempre com a intenção voltada para Scalabrini). Junto com a novena a Scalabrini, eu também fazia uma novena eucarística todos os dias.

Também me marcou muito o desejo que eu tinha de estar perto, bem perto das irmãs da sua comunidade. Vocês podem imaginar como a Irmã Marta e a Irmã Armanda viviam aquele momento: você tinha partido para a Itália se despedindo delas e agora estava à beira da morte! Assim, eu ligava para elas todos os dias. Entrávamos em contato para saber notícias, para nos atualizarmos, mas, acima de tudo, para nos apoiarmos, para compartilhar o sofrimento do Tríduo Pascal.

O mais bonito foi o seguinte: quando concluímos a novena, chegou a notícia de que você estava acordando; os sinais vitais da cura já haviam aparecido, uma cura que se revelaria completa; de fato, a doença não deixou rastros em você.

Atribuo, sem dúvida, essa cura a um milagre de Scalabrini.

Eu sempre dizia às irmãs: “Precisamos realmente arrancar esse milagre do coração de Deus, assim como a mulher que segue atrás de

“Jesus, e ele tocou na sua capa; nós também estamos aqui implorando.” Toda a Congregação implorava pela sua cura completa e hoje damos graças a Deus pela dádiva que Ele nos concedeu a todos.

Mãe, falavam de morte para mim... essa era a hipótese? Não havia nenhuma possibilidade?

Sim, sim, de fato a Irmã Milva nos dizia: “Precisamos nos preparar, porque o quadro é grave, muito grave; a Irmã Giuliana está prestes a morrer. A médica que a intubou não tem certeza de que ela possa acordar, não acredita que haja um caminho de volta”. Essa experiência, em paralelo à Sexta-feira Santa, à morte de Jesus colocado no sepulcro, à espera da Ressurreição, foi para nós um tempo de espera e de confiança no Senhor. O fato de você ter acordado foi um grande sinal: a Vida foi mais forte que o vírus, a Vida foi maior do que toda a situação angustiante que vivíamos. A possibilidade existia e foi encontrada no Senhor. A palavra que, sem dúvida, nos ilumina — “sem Ele, essa cura não seria possível” — nos dá a certeza de que a graça do Senhor nos conduziu à belíssima notícia do seu despertar e da sua cura completa.

Mãe, posso fazer outra pergunta? Qual foi o efeito da oração na Congregação?

Essa foi, para mim, uma das primeiras experiências de criação de uma corrente de orações. O efeito que eu vivi e do qual testemunhei com muita força é que a oração nos ajudou a nos unir ainda mais. Foi um único abraço de toda a Congregação presente em 26 países.

Constantemente, as irmãs escreviam por e-mail, WhatsApp e Messenger perguntando notícias suas e comunicando que novos grupos de oração estavam se formando e que havia iniciativas em vários santuários marianos, no Brasil e em Fátima, promovidas por leigos e migrantes. Senti que o clima de comunhão, de fraternidade...

, de oração que se criou em toda a Congregação se estendeu também a muitos outros âmbitos nos quais as Irmãs estão presentes. Essa foi para nós uma experiência muito forte: experimentamos a força da comunhão que se estabelece na oração.

Madre, que sentimentos a senhora vivenciou?

Foi realmente um período marcado por muitos sentimentos; antes de tudo, senti muito medo diante da situação grave, grave, grave, grave, como me havia dito a Ir. Milva, cujas palavras me vinham à mente. Era uma situação em que todos nós estávamos tomados pelo medo, pelas muitas perdas, tanto na Congregação quanto em outras partes do mundo. Sabíamos que era um momento muito delicado, mas, pessoalmente, eu era sustentada pela força da oração e pela confiança; queria acreditar e renovar sempre essa confiança. Eu vivia com uma certeza: o Senhor nos concederia o milagre da sua cura! E por que eu acreditava?

Sempre que pedia às pessoas que rezassem, eu renovava essa confiança: o Senhor fará esse milagre! E eu realmente acreditei.

Por isso, quando recebi a notícia de que você estava acordando, senti uma profunda gratidão para com o Senhor e continuei a fazer a Novena da Eucaristia justamente para agradecer pela graça recebida.

Lembro-me de que, durante a sua doença, eu ia frequentemente à Igreja de São Marcello al Corso, em Roma, onde fica a imagem da Nossa Senhora que desata os nós, pois sabia da sua devoção. Havia escuridão em meu coração, mas, com devoção, pedia a graça da cura, sempre por intermédio de Scalabrini.

Refiz esse percurso a pé, agradecendo pela graça recebida e porque a cura foi completa, sem sequelas da Covid. Agradei com um sentimento de grande gratidão e pedi a muitas pessoas que reconhecessem a bondade da Misericórdia de Deus para conosco por ter ouvido

nossa oração. Meu coração estava cheio, cheio, cheio de gratidão!

Mãe, na sua opinião, o que aprendemos com essa experiência?

Aprendi muitas coisas... diante de uma situação em que parece não haver saída, há algo que sempre podemos fazer: ajoelhar-nos diante do Senhor e confiar tudo a Ele, entregar-nos em Suas mãos, acreditar que o Senhor sempre tem a última palavra! Compreendi melhor a força da oração, fiquei ainda mais convencida de que a oração toca o coração do Senhor e o nosso coração, e que a oração realmente tem o efeito da Graça. Naquele momento, dizia a mim mesma: a oração tem seu efeito; se não for pela cura, será por outras coisas na Congregação; mas eu sempre pedia a cura!

A oração também nos ajudou imensamente como Congregação; fez-nos recuperar a confiança filial no Senhor, rico em misericórdia e que escuta nossa oração, sentir a revitalização de nossa vida espiritual e a dimensão da Graça que está agindo.

Essa é a grande lição que aprendemos, esse é o ensinamento: a força da oração que nos une, que estabelece a comunhão entre nós e, ao mesmo tempo, nos leva ao coração de Deus. E mesmo quando orávamos por você, na verdade orávamos por todos os que estavam infectados; ou seja, estávamos em comunhão e solidariedade com as vítimas da Covid, que eram muitas, pois estávamos no momento mais intenso de toda a pandemia.

Fomos atingidos por muita dor, mas o Senhor nos ofereceu a oportunidade de nos unirmos como Congregação no caminho da Semana Santa, no Tríduo Pascal, vivendo a dimensão da fragilidade, mas também a certeza da passagem da morte para a Ressurreição.

E aprendemos também que, quando estamos muito fracos e

frágeis, sentimos com mais intensidade a necessidade de bater, bater, bater à porta do Senhor; esse nosso recorrer ao Pai foi uma experiência maravilhosa vivida por todas juntas, um entregar ao Senhor uma situação na qual não podíamos fazer nada, a não ser entregar, confiar e aguardar a intervenção divina — e assim foi!

“Demos graças ao Senhor de todo o coração: grandes coisas o Senhor fez por nós, nos encheu de alegria”. (Sal 126,3) Amém.

- 5 -

Conclusões



E Atribuo com certeza minha cura milagrosa à Bem-Aventurada Virgem Maria e à intercessão do nosso Fundador, o Beato João Batista Scalabrini, a quem tanto imploraram as Comunidades de Irmãs de todo o mundo, os leigos **U** missionários scalabrinianos, os muitos migrantes, amigos e parentes a a quem devo tudo e a quem desejo dedicar minha vida.

Agradeço infinitamente a Deus por ter-me “devolvido a vida” e por ter feito com que a súplica de tantos ao Beato João Batista Scalabrini e a Maria chegasse ao Seu Coração. Na minha oração ao acordar, no dia 16 de abril, fiz algumas promessas: ir a Loreto a pé, partindo de Piacenza; escrever um livro para contar minha experiência de doença e cura; e dizer à Ir. Milva para levar todas as irmãs a Lourdes para agradecer à Nossa Senhora por sua proteção, pois poderíamos ter sido dizimadas. Em 1º de julho de 2020, após os exames de rotina prescritos pelos médicos, voltei sozinha de carro para Ludwigsburg — na Alemanha —, retomando minhas atividades missionárias regulares. Nestes meses, não tive efeitos colaterais, recaídas de cansaço,

ou qualquer tipo de incômodo. Estou bem.

Cumpri a promessa da caminhada até a Santa Casa, percorrendo os 385 km em várias pequenas etapas no território de Ludwigsburg, de 28 de fevereiro a 31 de maio de 2021, e concluindo com a peregrinação da Congregação pelo Jubileu dos 125 anos de Fundação, em 2 de junho, em Loreto, presencialmente. Minha infinita gratidão a Deus, à Santíssima Maria e ao Beato João Batista Scalabrini, nosso Fundador, por terem

atendido ao apelo sincero de tantos.

Com fé,
Irmã Giuliana Maria Bosini, mscs





A Catedral de Santiago de Compostela



Interior da catedral de Compostela em restauração



Local de oração atrás do busto de São Tiago



Os peregrinos de Fátima com flores para oferecer a Maria



Unidade de Reanimação, na cama nº 9 da Ir. Giuliana: o grande relógio e as imagens de Maria.



A imagem da Nossa Senhora da Saúde com a qual a Irmã Giuliana conversava durante o primeiro despertar.



A relíquia do Beato G. B. Scalabrini, diante da qual se rezava diariamente a novena pela cura da Ir. Giuliana, por meio de conexão online.



Piacenza, 1º de junho de 2020, festa do Beato G. B. Scalabrini: Ir. Giuliana e Giuseppe Morsia no refeitório da Casa Provincial, diante do quadro de Scalabrini, para agradecer pela graça recebida.



As fotos colocadas por Giovanna Maloberti aos pés da Nossa Senhora do Castelo de Rivergaro: a imagem do Beato Scalabrini, a Ir. Giuliana e Paolo Maloberti.



CONVITE PARA ORAÇÃO

Ir. Giuliana, MSCS, Assistente do Movimento LMS.

Depois de cuidar de toda a **família** afetada pelo corona vírus, foi hospitalizada ontem. Hoje está intubada e sendo cuidada no hospital da cidade de Piacenza - Itália.

Façamos uma rede de orações. Cada um em casa, vamos começar uma novena ao Bem-Aventurado Scalabrini para interceder junto a Deus pela sua rápida recuperação.

Vamos nos unir em coro e implorar sua cura também com a intercessão da Bem-aventurada Assunta Marchetti e o Venerável Servo de Deus José Marchetti.



Que esta Páscoa da Ressurreição seja para ela uma Páscoa de rápida recuperação.

A postagem compartilhada pelos leigos do Brasil com o convite à oração pela cura da Ir. Giuliana.



A postagem de agradecimento a Deus, que atendeu às nossas orações.



O Beato João Batista Scalabrini, prestes a ser canonizado.

- 6 -
Apêndice



Novena-Tríduo
ao Beato João Batista Scalabrini

Pai Todo-Poderoso, verdade eterna, por tua Palavra divina que iluminou a vida e a obra do Beato João Batista Scalabrini, tem misericórdia de nós.

Glória ao Pai...

Senhor Jesus Cristo, Redentor do mundo, que inspiraste o Beato João Batista Scalabrini a tornar-se tudo para todos, tem misericórdia de nós.

Glória ao Pai...

Espírito Santo, força de vida e de amor, que infundiste no coração do Beato João Batista Scalabrini o desejo de servir ao próximo por meio dos migrantes, tem misericórdia de nós.

Glória ao Pai...

Ó Santíssima Trindade, pelos méritos e pela intercessão do Beato João Batista Scalabrini, concede-nos a graça que te pedimos com confiança. Tu que vives e reinas pelos séculos dos séculos.

Amém.

Oração Litânica ao Beato G.B. Scalabrini

Beato João Batista Scalabrini, *rogai por nós* Sempre fiel
à vontade de Deus, *rogai por nós* Totalmente devoto à
Eucaristia, *rogai por nós* Cheio de fervor por Jesus
Crucificado, *rogai por nós* Filho devotíssimo de Maria,
rogai por nós Testemunha corajosa do Evangelho, *reze*
por nós Servo obediente do Santo Padre, *reze por nós*
Admirador e devoto de São Carlos, *reze por nós* Bispo
fiel da Igreja, *reze por nós*
Pai dos migrantes, *rogai por nós* Apóstolo
do catecismo, *rogai por nós*
Defensor dos valores da família, *rogai por nós*
Modelo de amor aos pobres, *rogai por nós*
Modelo de oração intensa, *rogai por nós*
Modelo de contemplação e de ação, *rogai por nós*
Modelo de sabedoria e de inteligência, *rogai por nós*
Modelo de humildade, *rogai por nós*
Modelo de reconciliação, *rogai por nós*
Modelo de perseverança, *rogai por nós*
Modelo de fé, esperança e caridade, *rogai por nós*

Oração da Novena – Tríduo

Ó Beato João Batista Scalabrini,
missionário da Palavra,
ministro da Eucaristia e da Igreja, homem
de caridade e de comunhão,
filho devotíssimo de Maria,
apóstolo do catecismo e pai dos migrantes, recorremos
à tua intercessão
para obter a bênção de Deus sobre
nós e nossos entes queridos,
sobre aqueles que vivem as dificuldades da
migração e sobre toda a humanidade.
Conceda-nos, pela Santíssima Trindade, a
graça... Que com confiança te pedimos. Amém.



Notas biográficas

O BEATO GIOVANNI BATTISTA SCALABRINI: O PRIMEIRO A COMPREENDER O DRAMA DOS EMIGRANTES ITALIANOS NA AMÉRICA

Uma vida voltada para as questões políticas e sociais. Sua obra-prima apostólica: ter compreendido que os migrantes italianos que se dirigiam às favelas das grandes cidades dos Estados Unidos e às vastas regiões da América Latina não deviam ser deixados sozinhos. Assim surgiu, para eles, a Congregação dos Missionários de São Carlos – Scalabrinianos e a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas

Essa grande figura de bispo e fundador nasceu em Fino Mornasco, na província de Como, em 8 de julho de 1839. Tendo sentido, desde jovem, o chamado para a vida eclesiástica, após concluir os estudos com excelentes resultados, foi ordenado sacerdote em 30 de maio de 1863 e imediatamente designado para lecionar no seminário menor local, do qual também se tornou reitor de 1867 a 1870.

Posteriormente, ele manifestou o desejo de ingressar no Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME), mas seu bispo o impediu. Foi então enviado como pároco à importante paróquia de São Bartolomeu, em Como, e, nos cinco anos de ministério, destacou-se pela santidade de vida, grande zelo e notável sensibilidade aos sinais dos tempos; por isso, com apenas 36 anos, em janeiro de 1876, foi consagrado bispo de Piacenza, onde permaneceu por cerca de trinta anos, desde 13 de fevereiro de 1876, data de sua posse, até sua morte.

Realizou nada menos que cinco visitas pastorais, dedicando-se pessoalmente

em todas as 365 paróquias da Diocese, inclusive nas situadas em aldeias praticamente inacessíveis do Apenino Emiliano, onde nenhum bispo jamais havia ido. Fundou um instituto para surdos-mudos, organizou um centro de assistência para as colhedoras de arroz, várias sociedades de mútuo socorro e caixas rurais. E como há um século e meio não se realizava um sínodo diocesano, ele celebrou nada menos que três, em 1879, 1893 e 1899. Além disso, impulsionou a Ação Católica e — convencido da necessidade de um tipo de catequese adequado aos tempos — fundou a revista **Il Catechista cattolico**, que foi a primeira publicação do gênero na Itália. Incansável como sempre, em 1889, Dom Scalabrini convocou o primeiro Congresso Catequístico Nacional. O Papa Pio IX o definia como “Apóstolo do Catecismo” por seu empenho no âmbito da catequese.

Ficamos maravilhados ao constatar o extraordinário dinamismo e a visão de longo prazo de suas intuições apostólicas: em suas 76 cartas pastorais, ele aborda os problemas de uma época marcada por acontecimentos complexos de nossa história religiosa e política; e não se contenta com denúncias, mas busca também soluções concretas de acordo com as situações que conhecia bem, graças também ao controle minucioso do território da diocese.

Mas o que o impulsionou de forma decisiva em direção à sua obra-prima apostólica foi uma cena da qual ele foi testemunha certo dia na Estação Central de Milão: ali havia se reunido uma multidão de pessoas pobres que aguardavam o trem para Gênova ou Nápoles, de onde partiriam para a América em busca de trabalho. Sabia-se que, uma vez chegados lá, seriam vítimas de aproveitadores e ficariam desprovidos de qualquer assistência material e espiritual: de fato, ao chegarem, eram amontoados nas *favelas* das grandes cidades dos Estados Unidos (para onde se dirigiam quase todos os emigrantes italianos do Sul da Itália) ou nas imensas zonas rurais da América Latina (destino sobretudo

daqueles do Norte da Itália) e empregados em trabalhos extremamente pesados, sem poder negociar o salário e os horários de trabalho, muitas vezes caindo nas mãos de exploradores (entre os quais, infelizmente, não poucos compatriotas) que especulavam com seu salário, com o aluguel da moradia e com a alimentação.

Por isso, Dom Scalabrini decidiu empenhar-se, por meio de seus escritos e de sua palavra, em sensibilizar a opinião pública e o mundo político sobre o drama dos nossos emigrantes, visitando muitas cidades da Itália. Em 1887, publicou um opúsculo intitulado “A emigração italiana para a América”, que obteve aprovação até mesmo de diversos políticos, mas sem consequências concretas no plano prático.

Então, desapontado, mas não desanimado, decidiu intervir pessoalmente, fundando, em 28 de novembro daquele mesmo ano, a Congregação dos Missionários de São Carlos, mais conhecidos como Scalabrinianos, cujo carisma consistia em dedicar-se inteiramente à assistência aos emigrantes italianos na América. Ao mesmo tempo, instituiu o “Comitê de Patrocínio” para zelar pela tutela dos interesses materiais dos emigrantes, órgão que, a partir de 1889, passaria a se chamar “Sociedade São Rafael”, subdividida em diversos comitês locais. A Congregação dos Missionários, que obteve imediatamente a aprovação da Santa Sé, contava inicialmente com três sacerdotes, mas apenas um ano após sua fundação, em 1888, partiu a primeira expedição formada por 10 membros.

Naquela época, Dom Scalabrini encontrou em Castel San Giovanni, na região de Piacenza, Francesca Saverio Cabrini, que inaugurava uma nova fundação de suas Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, e a convidou, também em nome do arcebispo de Nova York, a colaborar nas missões em favor dos emigrantes italianos, pelos quais, entretanto, o Papa Leão XIII havia relembrado a responsabilidade pastoral dos bispos americanos. Alguns anos depois, em 25 de outubro de 1895, Scalabrini

fundou seu próprio instituto feminino. A ocasião surgiu por meio de um de seus jovens missionários que retornara do Brasil com a consciência do drama dos órfãos; assim nasceram as **Missionárias de São Carlos** para ajudar os emigrantes e refugiados mais pobres e necessitados de assistência tanto material quanto espiritual. A Congregação se espalhou inicialmente pelos Estados Unidos, onde Scalabrini foi em visita em 1901, e pelo Brasil, que visitou em 1904; posteriormente, se expandiu pela Europa (1936), pela América do Norte (1941) e, nas últimas décadas, por muitos países da América Latina, Ásia e África. Hoje está presente em vinte e seis países.

Foi grandiosa a contribuição cultural dada pelos institutos scalabrinianos aos nossos emigrantes com a criação de milhares de escolas: “Ao lado de cada igreja”, afirmava o Fundador, “deve haver uma **escola**”. Ele também havia proposto uma espécie de “serviço civil” — ou seja, anos de serviço escolar aos emigrantes — como alternativa ao serviço militar, para os clérigos de sua congregação, mas o governo de Francesco Crispi proibiu isso, temendo que aqueles jovens missionários fossem “pregar a palavra papal”. As escolas cresceram, no entanto, da mesma forma, e centenas de milhares de emigrantes e seus filhos receberam uma educação adequada.

A atenção constante e visionária aos sinais dos tempos levou Dom Scalabrini a tornar-se um convicto promotor da Conciliação entre o Estado e a Igreja, que na época não era bem vista nem mesmo nos próprios círculos eclesiásticos. Por isso, em 1885, ele publicou em Bolonha, de forma anônima, um opúsculo intitulado “Intransigentes e transigentes”, no qual delineava uma hipótese de solução para a questão romana e cujo texto havia recebido secretamente a aprovação prévia do Papa, mas que foi duramente criticado pelo **L’Osservatore Romano**, que evidentemente não tinha conhecimento do aval pontifício. O segredo da grande vitalidade do Beato estava em-

ante tudo em sua profunda vida interior, marcada pela oração, pela meditação, pela piedade eucarística e mariana, em fidelidade ao seu lema “Santificar-me, tornar-me santo: hoc est omnis homo”. Em seus trinta anos de episcopado, ele sempre foi ativo e zeloso pelo bem de seus diocesanos, animado por uma caridade inesgotável. Isso também é confirmado por suas numerosas cartas pastorais e, em particular, pela coleção de cartas, na qual se destaca a correspondência com o amigo Dom Geremia Bonomelli,

bispo de Cremona.

Em 1905, ele estava preparando sua sexta visita pastoral à Diocese, apesar de já estar com a saúde bastante debilitada; porém, de repente, seu estado se agravou e nem mesmo uma cirurgia à qual foi submetido imediatamente conseguiu salvá-lo: ocorreu, de fato, uma crise mais aguda que provocou sua morte na manhã de 1º de junho, solenidade da Ascensão, em sua sede episcopal, em consonância com um propósito que ele renovava todos os anos nos exercícios espirituais: “Viver, santificar-se e morrer em Piacenza”.

João Paulo II o beatificou em 9 de novembro de 1997.⁽¹⁾

⁽¹⁾ Adaptado livremente de “Famiglia Cristiana”, 1º de junho de 2022.



A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas hoje

Fiel à missão que a Igreja lhe confiou, a Congregação tem como finalidade o serviço evangélico-missionário aos migrantes, com preferência pelos pobres e necessitados, em diferentes contextos migratórios, buscando responder aos novos desafios com ações articuladas e orientadas para a pessoa do migrante em todas as suas dimensões.

A mobilidade humana em tempos de globalização é extremamente complexa, e igualmente complexo é o serviço a ser prestado àqueles que se veem obrigados a deixar sua terra natal. Nos ambientes familiares, sociais e culturais em que somente o *gênio feminino* consegue, por vocação e graça especiais, chegar e evangelizar, as Irmãs Scalabrinianas se propõem a ser um sinal da ternura de Deus.

Elas concretizam sua missão por meio da catequese, a educação cristã, a pastoral da saúde, os centros de estudo, os centros de acolhimento e escuta, de orientação jurídica e psicossocial, de pesquisa e documentação, por meio da animação da pastoral da mobilidade humana em conferências episcopais, em secretarias diocesanas, nas paróquias, nas organizações não governamentais e nos movimentos populares.

Elas praticam a vida fraterna em comunidades internacionais como um elemento importante da consagração religiosa; fortalecem a fidelidade à vocação por meio da oração, da meditação da Palavra de Deus e da Eucaristia.

Contatos:

Casa Geral – via Monte del Gallo 68, 00165

Roma, tel. 06 393773220

Casa Provincial – via Giulio Alberoni 29,

29121 Piacenza, tel. 0523 325267





Impresso em outubro de 2022